

MAICON ALVES DIAS

**DE UTOPIAS E DISTOPIAS – UMA LEITURA DE *O PRESIDENTE NEGRO* DE
MONTEIRO LOBATO**

ASSIS/2010

MAICON ALVES DIAS

**DE UTOPIAS E DISTOPIAS – UMA LEITURA DE *O PRESIDENTE NEGRO* DE
MONTEIRO LOBATO**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual
Paulista para a obtenção do título de Mestre em
Letras na área de Literatura e Vida Social.

Orientador: Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias
Ceccantini

ASSIS/2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – ASSIS - UNESP

DIAS, Maicon Alves.	
D533d	Das utopias e distopias : uma leitura de <i>O presidente negro</i> de Monteiro Lobato / Maicon Alves Dias. – Assis : [s.n], 2010 86. f. : il.
Letras	Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Orientador: João Luís Cardoso Tápias Ceccantini
1. Literatura Brasileira. 2. Lobato, Monteiro, 1882-1948. 3. O presidente negro – Crítica e Interpretação. I. Autor. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. III. Título.	
CDD 028.509 869.93	

RESUMO

DIAS, Maicon Alves. **DE UTOPIAS E DISTOPIAS – UMA LEITURA DE *O PRESIDENTE NEGRO* DE MONTEIRO LOBATO**. Assis, 2010. (Dissertação Mestrado em Letras/Literatura e Vida Social) Faculdade Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo. 2010.

O presente trabalho propõe analisar o único romance de Monteiro Lobato, *O presidente negro* (1926). Os objetivos fundamentais da pesquisa são: 1) a apresentação do levantamento sistemático da fortuna crítica de *O presidente negro*; 2) a proposta de uma leitura da narrativa com ênfase na discussão do gênero ficção científica; 3) propor uma reflexão sobre a figura do publicista Monteiro Lobato e suas visões utópicas e distópicas acerca da realidade brasileira; 4) a análise da estrutura narrativa da obra “para adultos” e a comparação com as personagens das obras infantis verificando a similaridade no processo de criação das mesmas. A justificativa para a realização do trabalho é a necessidade de revisitar o único romance de Monteiro Lobato tendo em vista as manifestações de estudo e crítica dessa obra desde o seu lançamento até as mais recentes acerca da reedição da obra, em 2008, por ocasião das eleições norte-americanas com Barack Obama.

Palavras-chave: *O presidente negro*, Monteiro Lobato, literatura, gênero ficção científica e realidade.

ABSTRACT

DIAS, Maicon Alves. UTOPIAN AND DYSTOPIAN – AN INTERPRETATION OF THE BLACK PRESIDENT BY MONTEIRO LOBATO.

The present research proposes to analyze the only novel by Monteiro Lobato, *O presidente negro* (1926) - (*The Black President*). The fundamental aims of the research are: 1) The presentation of the collection of systemic facts of critical fortune of *O presidente negro*; 2) The suggestion of a reading narrative with emphasis on discussion of science fiction genre; 3) The suggestion of a reflection on image of a political writer and his utopian and dystopian visions about Brazilian reality; 4) The analysis of characters from the general literature and the comparison with characters from juvenile literature checking the similarities in the creation process of them.

The reason for doing this research is the necessity of revisiting the only novel of Monteiro Lobato considering that the manifestations of study and criticism of this novel since its release until the most recent works on occasion of a new release of the book and, in 2008, also because of the North America elections with Barack Obama.

Key words: The Black President, Monteiro Lobato, literature, science fiction genre and reality.

Sumário

Introdução.....	07
Capítulo I - Presidente e Pressentimentos.....	16
A ficção científica de Monteiro Lobato e o presidente negro surpreendem o mundo....	16
Capítulo II - Das utopias e distopias: o romance de Monteiro Lobato.....	41
2.1. O romance de antecipação e a representação da sociedade.....	41
2.2. A dialética de Miss Jane e Ayrton Lobo.....	45
2.3. O mundo narrado em <i>O presidente negro</i>	54
2.4. A temporalidade em <i>O presidente negro</i>	59
2.5. A representação feminina em <i>O presidente negro</i>	63
Capítulo III - O modo de narrar em <i>O presidente negro</i>.....	67
3.1. A estrutura narrativa – Ayrton Lobo – A voz do presente.....	67
3.2. A estrutura narrativa – Miss Jane – A voz do futuro.....	71
3.3. A fabulosa sociedade norte – americana de 2228.....	73
3.4. O beijo de Barrymore – A construção do romance.....	75
Considerações finais.....	81
Referências bibliográficas.....	84

"Desde já asseguro uma coisa: sairá novela única no gênero. Ninguém lhe dará nenhuma importância no momento, julgando-a pura obra da imaginação fantasista. Mas um dia a humanidade se assanhará diante das previsões do escritor, e os cientistas quebrarão a cabeça no estudo de um caso, único no mundo, de profecia integral e rigorosa até os mínimos detalhes".

(Monteiro Lobato, em O presidente negro)

Introdução

O único romance escrito por Monteiro Lobato (1882-1948) e considerado por ele próprio como um romance de ficção científica, destinava-se a conquistar os leitores norte-americanos, e, conseqüentemente, inaugurar sua carreira internacional.

Enquanto essas ideias não se concretizavam, o romance foi divulgado em forma de folhetim no jornal carioca *A Manhã* entre 5 de setembro e 1º de outubro de 1926. Originalmente denominado de *O choque das raças*, destinado ao “público adulto”, esse romance de antecipação de ideias ou romance de ficção científica convida os leitores a olhar para o futuro através de uma engenhoca denominada *porviroscópio* e incita a humanidade, principalmente, a refletir sobre um mundo com muitas transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas do futuro.

Monteiro Lobato, ao escrever seu primeiro romance, um feito realizado em apenas vinte dias, prometeu uma obra surpreendente e pretendeu, assim, estabelecer-se como o criador de um autêntico *best-seller* no mercado editorial norte-americano. Conhecido principalmente pela produção de obras destinadas ao público infantil brasileiro, Monteiro Lobato, com o então denominado *O choque das raças*, realizou uma obra de caráter

antecipatório e especulativo que despertou muitas manifestações dos leitores e sociedade da época devido ao enredo que envolve uma disputa de raças e sexos, tendo, por isso, sua capacidade criativa e genialidade como escritor colocadas a prova.

O romance de ficção científica de Lobato, cujo lançamento inauguraria sua trajetória como escritor e empresário de livros na América do Norte, originou-se a partir da ideia da sociedade organizada que os Estados Unidos da América representava para o autor. A admiração pelo sistema econômico norte-americano e pelo modelo de gestão implantado por Henry Ford, conhecido como fordismo, entusiasmou o ex-fazendeiro de Taubaté, fazendo-o desejar a transferência e a implantação da mesma dinâmica de trabalho para o Brasil.

Essa prática organizadora representada pelo fordismo que tanto encantou Lobato está descrita na obra *A república do picapau amarelo – uma leitura de Monteiro Lobato* (1986) de André Luiz Vieira de Campos, como um sistema eficiente de controle e dominação da força de trabalho dos operários. Assim, sobre o fordismo:

Como o fordismo não se resume a uma técnica de política econômica, mas representa uma concepção de mundo, nada escapa à sua necessidade organizadora e disciplinadora. A fiscalização moral e saneadora que Henry Ford exercia sobre seus operários passava pelas condições de habitação, pelos hábitos de alimentação, de poupança e de moderação, incluindo a proibição do alcoolismo e da vida sexual “desregrada”, sendo seu objetivo o de manter também, fora do espaço da fábrica, o equilíbrio psicológico do trabalhador, esmagado diante dos novos métodos de produção. (CAMPOS, 1996, p. 86)

Além dessas questões econômicas, o livro aborda uma disputa de raças na futura sociedade americana do ano de 2228, prevista ou revista por meio de um aparelho em forma de globo de cristal. Esse aparelho, criado pela personagem Dr. Benson, mostrava os principais acontecimentos futuros numa espécie de tela de televisão.

A sociedade ilustrada por Lobato com base na eficiência do trabalho representado pelo fordismo, pela ascensão do feminismo e pelo polêmico embate das raças fez do livro *O choque das raças* uma obra polêmica que desperta ainda hoje inúmeras manifestações. Na ocasião do início da publicação de *O choque das raças* e, alertando sobre o enredo polêmico, Lobato escreve aos leitores do jornal carioca:

Do muito que viu no futuro da humanidade coisa nenhuma o impressionou tanto como o choque das raças na América, drama ocorrido, ou que ocorrerá, no ano 2228. Os negros são cem milhões e os brancos duzentos. Sobrevém o inevitável conflito e a raça branca resolve o binômio racial por uma forma inteiramente imprevista.¹

Esse alerta que Lobato dirigiu aos leitores do jornal *A Manhã* fazia parte dos artifícios utilizados pelo autor de divulgar sua nova publicação. Algumas “pistas” eram dadas antecipadamente aos leitores com o objetivo de provocar a curiosidade e estimular o interesse pela obra que seria lançada e, também, de familiarizar os leitores com as personagens envolvidas na trama. Essa estratégia de atrair leitores para o folhetim culminaria com a edição e publicação do livro pela Companhia Editora Nacional no natal de 1926.

O choque das raças que na ocasião da reedição pela Editora Brasiliense em 1945 recebeu o novo título *O presidente negro*, provocou muitas polêmicas. O livro incitou discussões sobre questões raciais, demonstrou a disputa eleitoral pelo cargo de presidente da república dos Estados Unidos da América entre um homem branco, um homem negro e uma mulher e ilustrou o comportamento da sociedade americana do ano de 2228 em relação aos assuntos de política, poder, ciência e identidade cultural. As inúmeras manifestações acerca dessa obra, verificadas desde o seu lançamento, são na maioria sobre a questão racial apresentada no enredo da obra de Lobato e essa referência é considerada como um assunto polêmico que se sobrepôs ao fazer literário, por isso, a discussão sobre a qualidade estética, formal e artística foi considerada, muitas vezes, como assunto secundário para a análise dessa obra.

Dessa forma, verificamos a necessidade de uma leitura que discuta a importância de *O presidente negro* para a Literatura Brasileira e, também, de uma análise sobre a atuação de Monteiro Lobato como publicista, ou seja, sua intenção como autor em discutir problemas de interesse coletivo por meio de suas obras. O exame dessa prática de Lobato, associada a sua ampla colaboração em jornais de grande circulação pelo país será fundamental para a compreensão do projeto que o autor tinha com o livro *O presidente negro*.

¹ *A Manhã*, Rio de Janeiro, 3 de setembro 1926. In. AZEVEDO, Carmen Lucia de, et al. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

Assim, há a necessidade de realizar uma leitura analítica da obra tendo como base os textos que empreendem uma análise literária de viés sociológico e de abordar a relação dos elementos estéticos da obra com os aspectos sociológicos, pois o objeto artístico é a mediação para a interpretação do mundo e é preciso perceber, além das polêmicas raciais evidentes na leitura dessa obra de Monteiro Lobato, quais são as relações propostas pelo escritor. Diante disso, convém recorrer a Antonio Candido que, na obra *Literatura e sociedade* (1986), expõe as vantagens e também os problemas de se analisar os textos literários apenas pelo viés sociológico. Na referida obra, Candido discute em que medida a obra de arte constitui uma expressão da sociedade e como está interessada nos problemas sociais.

O primeiro passo (que apesar de óbvio deve ser assinalado) é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese. [...] Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la, é correr o risco de uma perigosa simplificação causal. (CANDIDO, p. 13, 1986)

Essas proposições acerca da representação da realidade serão importantes para a condução deste trabalho, que visa justamente analisar como o romance lobatiano “representa” a sociedade e, também, como o autor busca construir suas utopias. Para tal análise discutiremos, baseados em Candido (1986), como a representação do discurso lobatiano em *O presidente negro* encontra na forma do romance de ficção científica uma estrutura pertinente para a expressão de ideias, provocações e reflexões sobre o homem e a sociedade. Pela concepção da análise estética e sociológica expressa em Candido (1986), a categoria das personagens, assim como os demais elementos narrativos como, por exemplo, narrador, espaço e tempo desempenham papel estruturante de uma obra e são consideradas determinantes para a estética e a representação que o autor deseja realizar.

Assim, a figura do negro em *O presidente negro* será, mesmo que às avessas, parte estruturante de uma obra que visa a instigar nos leitores a reflexão sobre a condição humana e a demonstrar os possíveis desdobramentos de uma disputa de moral, prestígio e poder em que as relações raciais são colocadas à prova numa sociedade “comandada” por líderes brancos.

Outra questão pertinente a se fazer diante de tal estudo, considerando o sucesso editorial de Lobato com o público infantil, é por que esse mesmo sucesso não se repetiu

positivamente e com a mesma intensidade com a obra destinada ao público adulto. Para isso, recorreremos aos elementos comuns observáveis nas obras infantis e no livro *O presidente negro* como, por exemplo, os espaços fictícios das histórias infantis, ou seja, o sítio de Dona Benta, e o cenário futurista de *O presidente negro*, que exemplifica lugares onde o enredo de Lobato e seus aventureiros personagens desenvolvem a narrativa e demonstra cenários, ambientes e espaços “paralelos”. Outra modalidade de comparação é a categoria das personagens femininas como Emília, das obras infantis, e Miss Jane, ilustrada como uma mulher sagaz e inteligente em *O presidente negro*. Essa categoria, representada pelas personagens femininas Emília e Miss Jane, ilustra o destaque dado ao perfil feminino nas obras de Lobato, as atitudes, características e a inteligência demonstrada como superior a dos homens e que, por isso, tornam-se marcas contundentes da opção lobatiana em “dar voz” a essas personagens e fazê-las peças centrais de seus enredos.

Ao mesmo tempo, será pertinente refletirmos sobre as leituras atuais da obra *O presidente negro*, principalmente a partir do ano de 2008, em que o mundo assistiu a uma disputa eleitoral acirrada nos Estados Unidos da América que resultou na vitória do primeiro presidente negro norte-americano tal qual Lobato descreveu em seu livro há mais de oitenta anos. Nesse sentido, o jornal inglês *The Guardian*, em um editorial publicado na internet, especula sobre o estranho caso do presidente Obama, do romance brasileiro e das antecipações feitas pelo autor acerca dos embates raciais e geopolíticos. Tom Phillips, jornalista inglês e editor da versão eletrônica do jornal *The Guardian*, escreve:

A eleição de Barack Obama trouxe um sorriso a muitos cantos do globo, especialmente ao mercado de publicações brasileiras, onde a ascensão do primeiro presidente negro eleito nos Estados Unidos impulsionou um romance de ficção científica, há muito esquecido, a alcançar a lista dos mais vendidos no país.² O jornalista inglês lembra que o romance brasileiro esquecido pelo tempo e ressuscitado pelo atual embate político foi relançado no mercado brasileiro com o seguinte slogan: “Qualquer semelhança com os atuais eventos é pura coincidência”.

² The election of Barack Obama has brought a smile to many corners of the globe, not least to Brazilian publishing, where the rise of the US's first black President-elect has catapulted a long-forgotten sci-fi novel on to the country's bestseller list. Disponível em < <http://www.guardian.co.uk/books/2008/nov/30/barack-obama-monteiro-lobato> > Acessado em 17/02/2010.

Assim, veremos que muitos trabalhos produzidos, especialmente os mais recentes, acerca da repercussão do livro *O presidente negro* buscam alinhar o mundo narrado com a realidade atual. Essa necessidade de comparar os fatos do livro com os da atualidade traz um problema, pois é necessária, ao leitor, a concordância com as normas estabelecidas pelo ficcionista que inventa um mundo, com base na observação, na memória e na imaginação e que o leitor deve entender como tal. Desse modo, convêm-nos lembrar da questão proposta por Candido (1986) sobre o aspecto sociológico de uma obra literária, alertando para o fato de se atribuir, muitas vezes, maior importância a fatores externos do que propriamente ao seu valor estético. Diz o crítico brasileiro que:

Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, idéias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético). (CANDIDO, 1986. p. 5)

Assim, acreditamos que este trabalho perpassa, também, por essa preocupação em mostrar quais valores estão em jogo ao analisar a obra *O presidente negro*, de Monteiro Lobato. Com o seu recente relançamento pela Editora Globo, no ano de 2008, o livro foi divulgado pelos meios publicitários vinculado à questão das eleições norte-americanas como se os elementos sociais atuais pudessem encontrar referências diretas no livro publicado como folhetim em 1926.

Ao analisarmos a história da recepção do romance de ficção científica de Monteiro Lobato, cabe perguntar se os leitores aceitaram as regras do jogo literário e, inquirir, qual foi o tipo de “verdade” buscada na obra. A reflexão de Candido (1986) referida é primordial para que este trabalho se sustente e busque responder a questões como o “tratamento” dispensado pelo autor ao embate entre um líder político negro e um político branco e esclarecer até que ponto esse conflito é uma força externa que serve de matéria para a realização estética que influenciou aos críticos e, principalmente, aos leitores positiva ou negativamente, como veremos nas manifestações recentes sobre o livro.

Nesse sentido de análise da função de um texto literário e as possíveis relações com a realidade a fim de atualizar discursos e intenções do autor, convém recorrer a Carlos Reis,

que, em seu livro *O conhecimento da literatura – introdução aos estudos literários* (2003) aprecia o caráter ficcional de um texto literário da seguinte maneira:

...o texto literário configura um universo de natureza ficcional, com dimensão e índice de particularização muito variáveis; ao mesmo tempo, ele evidencia uma considerável coerência, tanto do ponto de vista semântico como do ponto de vista técnico-compositivo; o texto literário deve ser entendido também como entidade pluriestratificada, ou seja, constituída por diversos níveis de expressão; por último, considerar-se-á ainda que o texto literário compreende uma dimensão virtualmente intertextual, na medida em que é possível relacioná-lo com outros textos que com ele dialogam e nele se projetam. (REIS, 2003, p.169)

Faz-se necessário um estudo sobre a literatura destinada ao leitor adulto de Monteiro Lobato, representada pela obra *O presidente negro*, a fim de tornar possível a reflexão sobre suas influências sócio-culturais e biográficas, a identificação e análise das intertextualidades estabelecidas e a adequação do contexto para que um autor tão apreciado e respeitado pelo seu trabalho como editor, pensador, escritor para o público infantil e, até mesmo, incentivador do desenvolvimento brasileiro seja melhor estudado e compreendido.

A justificativa baseia-se em estudos e trabalhos disponíveis sobre a vida e obra de Monteiro Lobato que são unânimes em apresentar o homem que surgiu no interior do Brasil no fim do século XIX e que mudou para sempre os rumos da literatura brasileira no que diz respeito à produção, edição e distribuição de livros em várias regiões do Brasil, ou seja, o homem responsável pela revolução no modo de fazer e adquirir literatura num país que não provia de educação e saneamento básico aos seus cidadãos.

Misto de filósofo, artista, empresário, inquieto e curioso, dono de humor e ironia singulares, Lobato marcou época por sua coragem, ousadia e força de trabalho em prol da construção de um país próspero e desenvolvido. Nascido em Taubaté, interior do estado de São Paulo, mas com pensamentos e atitudes cosmopolitas, José Renato Monteiro Lobato, de nascimento, mas José Bento Monteiro Lobato³, por opção alguns anos depois, cultivou desde muito jovem uma visão estética e crítica das coisas, das pessoas e da sociedade em que se encontrava, envolvendo-se em causas públicas com o propósito de transformar o Brasil em uma nação avançada com o objetivo de que a população pudesse usufruir desses avanços

³ Para apropriar-se de uma bengala deixada pelo seu avô, Lobato “decide” mudar de nome por causa das iniciais J.B.M.L. grafadas na bengala.

pelos quais o autor brasileiro lutava. Sobre essa faceta progressiva de Lobato, inspirado pela novidade e eficiência:

...tentou implantar novos métodos de criação e produção agrícola na fazenda Buquira. Tornou-se apóstolo das campanhas de saneamento, defendendo a aplicação da ciência médica – em lugar das rezas de benzedeiras – contra as doenças e parasitas que infestavam o organismo da população de baixa renda. E, consciente da importância da comunicação e poder da palavra escrita, expandiu o mercado livreiro até as fronteiras mais remotas. Para Lobato, o atraso do país só seria superado pelo trabalho racional e aposta na modernização. (AZEVEDO, 2008, p. 205)

Nos planos do homem de negócios e incentivador da cultura, estava a eficiência e o dinamismo. Essas características, segundo Lobato, precisavam fazer parte da cultura brasileira sob pena de padecermos no atraso econômico e cultural. Por isso, as inventivas de Lobato nas diversas áreas da sociedade possuíam caráter moralizante, ou seja, era necessário mudar o comportamento do homem brasileiro e fazê-lo progredir em prol da construção de uma nação forte e independente. Dessa forma, o homem brasileiro estaria à altura do Brasil imaginado por Lobato.

Nesse sentido, a obra *O presidente negro* confronta o espírito “ignorante” e atrasado da personagem Ayrton Lobo com Miss Jane, a personagem que representa a inteligência a serviço da ciência e do progresso tecnológico. Esse embate ideológico configurado no plano da narrativa será o mote da obra de Lobato, demonstrando, assim, a tensão entre o real e ideal, o possível e imaginário.

Assim, esta dissertação pretende ser desenvolvida com o seguinte esquema de elaboração: no primeiro capítulo, o levantamento da fortuna crítica acerca da obra *O presidente negro* com o objetivo de demonstrar as diferentes manifestações sobre o romance de ficção científica de Monteiro Lobato na história da Literatura Brasileira e verificar os depoimentos do escritor nas circunstâncias de produção do folhetim.

Em seguida, no segundo capítulo, apresentar uma análise do gênero ficção científica e a importância da escolha por Monteiro Lobato desse gênero para a realização de seus propósitos e analisar, também, elementos intrínsecos como as categorias das personagens e a dialética entre Miss Jane e Ayrton Lobo como representações formais da estrutura do romance

e a importância dessas personagens para o desenvolvimento do enredo, bem como, a temporalidade representada por essas personagens.

Finalmente, no terceiro capítulo, a forma de narrar característica de Monteiro Lobato, a similaridade do enredo de *O presidente negro* com outras obras do autor e a dialética empregada entre essas obras.

Monteiro Lobato assumiu grande importância literária, política e até econômica no cenário nacional, justificando os inúmeros trabalhos acadêmicos abrangendo suas obras, sua vida, contexto histórico, as influências para as novas gerações e demais aspectos de sua produção e atuação. Acreditamos que este trabalho enfatizará, também, a importância do autor para a literatura destinada ao público adulto com a análise desta obra *O presidente negro*.

Capítulo I

Presidentes e pressentimentos

1.1. A ficção científica de Monteiro Lobato e o presidente negro surpreendem o mundo

A ficção científica brasileira, representada pela obra de Monteiro Lobato com *O presidente negro*, surpreendeu o mundo pela coincidência entre os fatos narrados no enredo futurístico de 2228 e as eleições norte-americanas de 2008 que elegeu o primeiro presidente negro da história daquele país. De acordo com o jornal inglês *The guardian*⁴, na obra *O Presidente Negro*, os eventos narrados são semelhantes aos acontecimentos que antecederam as eleições norte-americanas no ano de 2008 e, por isso, assombram o mundo pelo nível de similaridade e pela capacidade do autor brasileiro de ter antecipado esses eventos. Comparando os momentos históricos mencionados, é possível compreender a afirmação do articulista inglês: tem-se, de um lado, Jim Roy, o negro de gênio, e de outro, Barack Obama,

⁴ PHILLIPS, Tom. *Presidents and presentiments - The strange case of Barack Obama and a Brazilian novel*. Disponível em <http://www.guardian.co.uk/books/2008/nov/30/barack-obama-monteiro-lobato> Acessado em 17/02/2010.

um líder democrata negro, inteligente e perspicaz, que encantou o mundo e promoveu um novo olhar sobre a questão racial na primeira década do século XXI.

Já a revista *Slate*, com o artigo *The Black President - A 1926 Brazilian sci-fi novel predicts a U.S. election determined by race and gender*⁵, publicado em 30 de setembro de 2008, chama a atenção para as semelhanças entre as prévias das eleições norte-americanas, envolvendo uma mulher, um candidato branco e um candidato negro e a disputa impetrada no romance de Lobato. Declara, ainda, que a ideia de relançar o livro no ano eleitoral americano foi uma estratégia de mestre da editora responsável. Segundo a revista eletrônica, um dos autores de destaque da Literatura Brasileira, criador do Sítio do Picapau Amarelo e o “fundador” da indústria de livros no Brasil, voltou aos noticiários devido às polêmicas e interessantes antecipações descritas em seu livro sobre a economia, política e tecnologia. O texto celebra as coincidências entre a ficção criada por Lobato e a realidade norte-americana, mas condena como falha algumas questões polêmicas apresentadas pelo autor como, por exemplo, a esterilização do negro como estratégia do candidato vencido Jim Roy para reaver o poder. Essa temática, aliás, perpassa a maioria dos artigos e trabalhos pesquisados e tem sido o ponto crucial para a fortuna crítica sobre *O presidente negro*.

Essa obra foi originalmente concebida com o objetivo de conquistar o público adulto norte-americano, porém, nos planos do autor não havia a dificuldade em publicar naquele país, por isso, enquanto o livro aguardava a publicação nos Estados Unidos da América, Lobato, que estava de viagem marcada para aquele país a serviço do governo brasileiro, decide publicá-lo em forma de folhetim no jornal carioca *A Manhã*. Essa escolha não foi aleatória e o interesse em conquistar grande público era evidente como demonstra o trecho de uma correspondência enviada ao amigo Rangel em junho do ano de 1926 e que reflete muito bem o espírito do autor:

Aborreci-me de escrever n’*O Jornal* por causa da letreirinha miúda e dos erros de revisão. Passei-me para *A Manhã* do Mario Rodrigues, que está com a maior tiragem do Brasil. Cada número é um estouro de bomba. (GLEYSER, 1944, p. 292)

⁵ ZONINSEIN, Manuela. *The Black President - A 1926 Brazilian sci-fi novel predicts a U.S. election determined by race and gender*. Disponível em < <http://www.slate.com/id/2200417/> > Acessado em 17/02/2010.

O jornal mencionado seria o veículo de comunicação que atenderia as necessidades de Lobato de transmitir ao público suas ideias férteis sobre o futuro da sociedade norte-americana de maneira rápida e eficiente, tendo em vista a grande tiragem que possuía. Assim, a repercussão mundial exposta sobre o livro *O presidente negro* celebra a iniciativa do autor de escrever um romance de ficção científica em apenas 20 dias e que provocou polêmicas, recusas e que ainda instiga aqueles que desejam conhecer um pouco mais sobre o escritor que revolucionou as bases da indústria e cultura brasileiras.

Em outra carta destinada ao amigo Rangel, datada de 08 de julho de 1926, Lobato antecipa suas ideias sobre sua nova empreitada e lança nessa época as primeiras polêmicas sobre a obra que hoje “assombra” o mundo por suas semelhanças com os fatos atuais. Assim escreve Lobato:

Sabe o que ando gestando? Uma ideia-mãe! Um romance americano, isto é, editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa. Meio à Wells, com visão do futuro. O clou será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira, cujo índice de proliferação é maior, alcançar a branca e batê-la nas urnas, elegendo um presidente preto! Aconteceu coisas tremendas, mas vence por fim a inteligência do branco. Consegue por meio dos raios N, inventados pelo professor Brown, esterilizar os negros sem que estes dêem pela coisa. (GLEYRE, 1944, p. 293)

O autor Monteiro Lobato em suas obras reinventa a linguagem, explora diferentes significados e preza pela “simplificação” como forma de se fazer entender. No trecho citado acima utiliza da mesma prerrogativa para descrever a composição da sua obra ao amigo Rangel. No linguajar direto, diz o autor, que está gestando uma ideia-mãe. Essa alusão da composição de uma obra à gestação foi muitas vezes utilizada para comparar suas obras como um filho que deveria nascer e seguir seu caminho. O resultado da gestação, o romance que seria editável nos Estados Unidos, deveria abrir as portas do “mercado” norte-americano, impulsionar as vendas e motivar a fundação de uma editora naquele país.

Todo esse processo de concepção e divulgação do livro era compartilhado com Rangel que, por meio de cartas enviadas ao amigo, Lobato demonstrava sua preocupação em obter daquele uma apreciação acerca da recepção da obra. Essa preocupação foi transcrita em carta a Rangel datada de 7 de fevereiro de 1927. Concluída a obra em forma de folhetim no jornal carioca *A manhã*, Lobato precisava ouvir a opinião do amigo e confidente. Nessa carta afirma o autor:

E do rodapé acabo de sair hoje, pois que *A Manhã* concluiu a publicação do meu ‘romance americano’. Quero ouvir tua opinião, mas manda-lo-ei já em provas tipográficas para livro – e assim te filo mais uma revisão. Nunca me julguei capaz de conduzir um romance até o fim, e no entanto lá o pari em 20 dias. Como é ‘canja’ escrever um romance! Disse-o ontem ao Coelho Neto e ele amoitou. Saiu um romance inteiramente desligado da minha velha literatura regional. Veio coisa do futuro – lá do ano 2228. (GLEYRE, 1944, p. 297)

Lobato clamava ao seu amigo Rangel uma crítica, pois sua preocupação era, na verdade, agradar ao público final, aquele que iria consumir a obra. Esse pensamento utilitarista sobre a produção do livro fica claro em outro trecho da carta citada:

O meu *O reino louro* ou *O choque das raças* ou *O presidente negro* (ainda não o batizei definitivamente) vai sair com 20.000 no mínimo. E soltamos a avalanche de papel sobre o público como se fosse uma droga de farmácia, um Biotônico. Anúncios, circulares, cartazes, o diabo. O público tonteia, sente-se asfixiado e engole tudo. (GLEYRE, 1944, p. 298)

Assim, o Lobato multifacetado evidencia-se no cenário brasileiro. Suas pretensões comerciais e utópicas encontram espaço cada vez maior em suas publicações literárias. A preocupação com a recepção fica evidente, também, no trecho seguinte:

Diga-me se recebeu *O choque das raças*. O teu silêncio a respeito me causa espécie. E estou com outro livro novo já com a cabeça de fora: *Mr. Slang e o Brasil*. Já não é ser lobo, dirás: é ser coelho...neto... (GLEYRE, 1944, p. 299)

Nesse trecho de carta enviada ao amigo Rangel em 12 de fevereiro de 1927, Lobato cobra do amigo uma posição a respeito do seu romance de ficção científica e começa a estranhar o seu silêncio. Demonstra também, com uma agilidade industrial que lhe é peculiar, a sua inquietação em produzir novas obras tendo em vista novos leitores. Manifestando interesse pelo mercado internacional, Lobato afirma ao amigo Rangel nessa mesma carta:

A 27 de abril sigo de mudança para os Estados Unidos, para onde fui nomeado Adido Comercial. Verei se lanço lá a edição inglesa do *Choque das*

raças e estudarei a hipótese do transplante da nossa segunda empresa editora. Se for possível, chamar-se-á Tupy Publishing Co. e há de crescer mais que a Ford, fazendo-nos a todos milionários – editores e editados. O Brasil é uma coisa perrengue demais para os planos que tenho na cabeça. (GLEYRE, 1944, p. 300)

É evidente em muitos trabalhos sobre a vida de Monteiro Lobato o destaque dado à sua capacidade inventiva e empresarial, porém, dessa vez, a Tupy Publishing Co. não vingou e, assim como *O presidente negro*, tornou-se um projeto inviabilizado no âmbito internacional. Lobato expressaria a sua frustração em carta ao amigo Rangel datada de 05 de novembro de 1927:

Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, combater a sangue frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam os negros. Os originais estão com o Isaac Goldberg, para ver se há arranjo. Adeus, Tupy Company!...(GLEYRE, 1944, p. 304)

E, num momento saudosos, Lobato escreve ao amigo Rangel, em 17 de agosto de 1928, exaltando o que havia feito no livro *O presidente negro*:

O rush deste país rumo ao futuro é um fenômeno, Rangel! Quando escrevi *O choque*, pus entre as maravilhas do futuro a televisão. Pois já é realidade. O Times de hoje anuncia que a estação WCFW vai inaugurar comercialmente a irradiação de imagens. O sonho que localizei em séculos futuros encontro realizado aqui. (GLEYRE, 1944, p.309)

Nesse trecho da carta, é possível perceber a utopia lobatiana sobre a tecnologia, pois o autor acreditava que para o desenvolvimento do país era necessário, também, o avanço tecnológico como forma de conter o atraso. Ao mesmo tempo em que narra as maravilhas da modernidade ao amigo Rangel, Lobato sonha com essas novidades para o seu país, relata como seria contar com aparelhos, como o telefone, que fizessem aproximar as pessoas. Afirmou, também, que o rádio e a televisão destruiriam o longe e essa palavra se tornaria algo arcaico.

Na obra *O presidente negro*, muitos produtos tecnológicos são mencionados. A televisão, o teletransporte, um protótipo de internet e outras engenhocas dão o tom da obra

futurista de Lobato e reafirmam sua visão utópica de um mundo baseado na ciência e na tecnologia como forma de melhorar a vida das pessoas. Na utopia lobatiana todas as pessoas deveriam usufruir dessas tecnologias com o objetivo de melhorar suas vidas e, conseqüentemente, transformar o país. Sobre isso, Lobato desabafa com seu amigo Rangel e reflete sobre o que seria o Brasil com mais eficiência e tecnologia:

Vida ativa, Rangel, que delícia! Pena sermos um país ainda tão água-choca. O que não era possível fazer aqui, se houvesse mais compreensão, mais cultura universal, mais ciência, mais eficiência... (GLEYRE, 1944, p. 326)

Em outra carta, endereçada a Dona Iainha, escrita em 02 de outubro de 1928, Lobato demonstra sua insatisfação com o destino tomado pelo livro. Apesar de traduzida para o francês, a obra não encontrou editor nos Estados Unidos devido ao seu conteúdo polêmico. Diz o autor:

Estou com enredo de fita apresentado à Metro Goldwin, dois livros de crianças apresentados a dois editores, e com *O Choque* encalhado como sempre. O curioso é que esse livro foi traduzido em francês e está sendo dado por partes por uma revista francesa. Necessita de uma séria remodelação que nunca me animo a fazer por falta de entusiasmo. Não sei trabalhar a frio. (NUNES, 1986, p. 110)

Assim, o livro de antecipações do futuro de Monteiro Lobato, aquele que revolucionaria o mercado editorial e seria o carro-chefe de sua nova editora nos Estados Unidos, não foi aceito, a edição em inglês não foi possível e a editora *Tupy Company* falhou. Mas o folhetim, publicado em forma de livro no Brasil, atingiu seu objetivo polêmico, suscitou muitas críticas e até hoje serve para debates sobre ficção científica. A obra tem alimentado também as teorias eugenistas e outras apropriações feitas por vários críticos ligados à cultura e à ciência.

Exemplo dessa visão reducionista e preconceituosa encontra-se na obra *A atualidade de Monteiro Lobato – uma revisão crítica*, organizada por Regina Zilberman, em 1983. Num artigo desse livro, “*Lobato: um homem da República Velha*”, Carlos Jorge Appel sintetiza a obra adulta de Lobato e determina que em *O presidente negro* o racismo do autor é

indisfarçável. Tal justificativa se apóia no tom reacionário empregado em *O presidente negro* que evidencia, segundo o autor, a habilidade de Lobato em provocar polêmicas acerca de sua visão crítica e aguda da sociedade.

Ainda no mesmo trabalho, o autor conclui que “[...] o melhor de Monteiro Lobato, depois de sua literatura infantil, se encontra no homem de ação, capaz não só de ter grandes idéias, como de pô-las em prática, ainda que, na maioria das vezes, fracassasse.” (APPEL, 1983, pg.28). Afirma, ainda, que Lobato foi um dos mais corajosos e lúcidos empreendedores que o país já teve.

A afirmação resume o caráter empreendedor e publicista de Monteiro Lobato que, antes mesmo de ser um grande escritor, era um idealizador com grande capacidade criativa de resolução para os problemas nacionais fazendo de suas obras “panfleto” de seus ideais e de mudanças sociais desejadas. Na figura do homem progressista, tecnicista, embasado na ciência e tecnologia estaria o principal responsável por toda essa transformação.

Em 1985, Marisa Lajolo em seu livro *A modernidade do contra*, analisa a obra do escritor e a proposta de lançar um projeto futurista num rodapé de jornal. Para a autora, trata-se de um romance de tese em que o narrador observa as transformações ocorridas no futuro, mas não é motivado a interferir ou a refletir sobre essas mudanças. Segundo Lajolo, as intenções de Lobato são práticas e sob medida. O autor estava com viagem marcada para os Estados Unidos e suas pretensões comerciais em relação ao livro eram enormes. Por isso, afirma Lajolo:

Assim, na gênese e nos desígnios que o autor traça para *O presidente negro* já se dissipou totalmente a imagem do escritor ingênuo para quem a produção de um texto corresponde prioritariamente a uma necessidade íntima de expressão, como reza a tradição romântica. O modo de produção afasta-se igualmente do romance de tese realista, onde o objetivo do livro era a difusão de uma ou de outra teoria. Pois, por mais que *O presidente negro* apresente elementos fundamentais para o estudo das idéias lobatianas a respeito das sociedades melhores e piores (e nesse sentido, o rótulo romance de tese lhe cai como luva), esse romance foi feito sob medida, de acordo com a imagem que Lobato tinha do público norte-americano. (LAJOLO, 1985, p. 60)

A sociedade ideal representada pelos Estados Unidos da América em contraponto com o atraso expresso pela cidade carioca em *O presidente negro* retrata esses elementos que

tornam o romance de Lobato sob medida. O estudo de Lobato sobre o atraso de uma e o progresso de outra sociedade estaria configurado. As influências fordistas já mencionadas e o desânimo de Lobato com a ineficiência do povo brasileiro fizeram o autor de Taubaté animar-se com o “modelo” de organização e riqueza representada pelos Estados Unidos e fazer disso seu ideal para o Brasil. A partir disso, segundo Lajolo, o caráter utilitarista da obra seria o ponto crucial, englobando o desejo do autor de vender livros, tornar-se conhecido nos Estados Unidos e, ainda, fundar sua editora internacional. Esse aspecto comercial se juntaria a outro especialmente significativo a respeito de *O presidente negro*, ou seja, a questão racial sugerida seria tema de muitas críticas ao livro e, principalmente, ao autor. E isso era algo importante, pois com a polêmica a venda do livro seria maior. Assim, Lajolo conclui:

Fiel a este projeto no qual a Literatura já é pura mercadoria, Lobato não hesita em planejar alteração para o livro, visando torná-lo mais apetecível ao público norte-americano, que traduziria em milhões de dólares seu apreço por uma obra escandalosa como essa. (LAJOLO, 1985, p.60)

É nesse contexto que Lobato utilizando de sua faceta de empresário e editor conquistaria o mercado norte-americano. Aqui no Brasil, essa característica de Lobato serviu tanto para a organização e expansão do mercado de livros quanto como contribuição para a discussão acerca de sua figura emblemática de publicista, editor, escritor e empresário cultural. É importante compreender a importância de Lobato e suas multifacetas, principalmente, a de motivador do desenvolvimento brasileiro, para fazer a devida contextualização do momento da publicação no livro no folhetim carioca e o desejo de publicar no mercado norte-americano.

Porém, uma importante análise deve ser feita ao contexto norte-americano no ano de publicação do livro no Brasil e a data de viagem de Lobato aos Estados Unidos. Em 1927, o bem-estar geral da população havia chegado ao máximo, mas a quebra da bolsa de valores, em 1929, mudaria essa situação.

De acordo com a publicação *Panorama da história dos Estados Unidos*, a impressão de prosperidade da década de 20 do século passado parecia eterna. Afirmam os autores que:

A impressão geral era de que a prosperidade se perpetuaria, e, mesmo depois do colapso do mercado da bolsa, no outono de 1929, as previsões otimistas ainda continuavam vindo das altas esferas. A depressão, no entanto, foi se tornando mais profunda; milhões de investidores perderam economias acumuladas numa vida inteira, empresas fecharam suas portas, tanto no comércio como na indústria, bancos faliram e milhões de desempregados perambulavam pelas ruas buscando desesperadamente qualquer espécie de emprego. Em toda a vida da nação nada podia se comparar àquela situação, exceto, talvez, a depressão de 1870, que já desde muito fora esquecida.⁶

Assim, a situação favoravelmente econômica imaginada por Lobato daria lugar à crise devido ao problema das Bolsas de Valores. E a situação exposta retrata o que Lobato conferiria mais tarde no período em que fixou residência na América a serviço do governo brasileiro.

Apesar disso, Lobato havia contribuído significativamente para a consolidação do “sistema literário” brasileiro. Com isso, a possibilidade de produzir e vender em larga escala, como poderia acontecer no mercado norte-americano, animaram o autor de Taubaté a produzir um *best-seller* direcionado àquele público. Sobre esse momento de estabelecimento de uma Literatura Brasileira que envolve a produção e distribuição de livros, Maria Lajolo conclui:

...ele inaugurou uma concepção de Literatura que incluía a noção de livro como objeto sem aura: como linguagem, como texto, como mercadoria. Nessa linha, sua atividade como editor perde seu sentido maior ao ser vista como simples acréscimo à criatividade do escritor Lobato. O editor Lobato não se soma ao escritor Lobato. Ambos são um só, e esse um pôs em prática uma concepção moderna do escrever, que incluía o leitor não só como virtualidade presente no texto, mas como território a ser conquistado, a partir da criação de mecanismo de circulação entre obra e público. (LAJOLO, 1985, p.42)

Esses argumentos reforçam a inventiva de Monteiro Lobato ao desejar conquistar os leitores brasileiros e, também, leitores de outras nações. Por isso, Lobato é uma figura intelectual imune a reducionismos e dificilmente passível de ser enquadrado em categorias ou convenções simplistas. Sua personalidade e seu posicionamento numa época de grandes modificações são de análise complexa e qualquer tentativa de enquadramento fechado é

⁶ OLSON, K. W. et. Al. *Panorama da história dos Estados Unidos*. p. 147

inadequada. A complexidade de sua feição versátil e multifacetada sintetiza o dinamismo de sua vida literária.

Alguns trabalhos sobre a vida e obra de Lobato destacam a importância de seu romance futurista para a Literatura Brasileira e a figura polemica do autor. No livro *The Cambridge history of latin american literature*⁷ (1996), os autores além de assinalar a importância de Monteiro Lobato no cenário brasileiro como estimulador da leitura e consumo de livros, ressaltam, também, a polêmica construção da personagem Jeca Tatu em contraposição ao nobre selvagem de José de Alencar. Reafirmam a ideia de Lobato em contrapor o estilo de vida do homem rural à figura do camponês empregado na literatura brasileira no início do século XX aquele, abandonado na zona rural, era resistente a qualquer mudança e sem qualquer iniciativa, demonstrando, assim, a verdadeira identidade do homem brasileiro, era angustiante para um homem, como Lobato, que possuía ideais avançados e planos futuristas de desenvolvimento.

Essa contraposição de ideias sobre a construção do tipo brasileiro faz sentido numa análise utópica da obra de Lobato que ao denunciar o estado do homem pretendia que a sociedade olhasse para este e empregasse mudanças. Para os planos de Lobato em relação ao Brasil não cabia um personagem preguiçoso e alheio ao desenvolvimento social, científico e tecnológico.

Nesse sentido, na obra *The Cambridge history of latin american literature*, os autores destacam a publicação do livro *O presidente negro* e afirmam que Lobato foi um precursor de ideias modernistas. Nesse sentido:

Influenciado em um período de residência nos Estados Unidos nos anos 20, Monteiro Lobato adicionou à sua ficção um longo romance de fantasia futurista: *O choque das raças* ou *O presidente negro* (1926), em que projeta a eleição de um presidente negro nos Estados Unidos em virtude da maior fertilidade e elevado coeficiente de natalidade dos negros americanos; o impacto do evento é isolado, contudo, produzido pela tática que os brancos criaram de esterilizar negros através do uso da radiação! Sempre pessimista, mas criador incansável, Monteiro Lobato pode ser visto como um precursor do Modernismo, mesmo sendo leal à oposição brasileira por meia dúzia de anos em seus próprios trabalhos de ficção publicados. (Echevarría, 1996, p. 164)

⁷ECHEVARRIA, R. G.; WALKER, E. P. *The Cambridge History of Latin American: v.3 Brazilian Literature*. Cambridge. Cambridge University Press, 1996.

Em resumo, os autores da referida obra consideram Monteiro Lobato um dos mais polêmicos e mais conhecidos autores de “ficção de ideias” das duas primeiras décadas do século XX na Literatura Brasileira e destacam o pessimismo do autor brasileiro em relação ao homem rural desse período decorrente da experiência na área agrícola nos tempos em que morava em Taubaté.

O paradoxo representado pela visão pessimista sobre o homem brasileiro e o espaço em que vive, referindo-se à sociedade brasileira no final do século XIX e início do século XX, reflete nas personagens Jeca Tatu e Emília. Essas personagens sintetizam a utopia de Lobato no sentido de uma representar o atraso e a outra a inteligência, a reflexão e a busca do conhecimento. Essa dialética entre realidade e idealização perpassou toda vida literária de Monteiro Lobato que, por muito tempo, insistiu na ideia de que o atraso representado pela personagem Jeca Tatu deveria dar espaço à inteligência e ousadia de Emília. As campanhas sanitárias no início do século XX e a utilização da personagem Jeca Tatu reforçam a ideia e as polêmicas sobre a mudança que deveria ocorrer com o homem brasileiro, principalmente, o homem rural que Monteiro Lobato conhecia tão bem.

Suas campanhas sociais e sanitárias primavam pela linguagem direta e eficiente, algo que também era motivo de preocupação em seus trabalhos literários. Segundo o autor Alaor Barbosa em sua obra *O ficcionista Monteiro Lobato*, essa preocupação foi demasiada, principalmente, a partir da publicação do romance *O presidente negro*, pois, segundo BARBOSA (1996), o estilo empregado no romance de ficção científica era preocupado com a objetividade e clareza, por isso, aproximando – se do estilo jornalístico. Essa preocupação de Lobato antecede a publicação de *O presidente negro*, a busca pela transparência da língua e a necessidade de realizar uma “literatura sem aspas” tornou-se objetivo do autor.

Desse modo, BARBOSA (1996), realizando uma análise no percurso de publicações de Lobato e destacando o estilo em *O presidente negro*, afirma que:

Em *Urupês*, ocorre um temporário extravio estilístico: Lobato já se abeberou demais de autores lusíadas, seu estilo se tornou carregado e “desbrasileirado”. Em *Negrinha*, o estilo de Lobato readquire a fluidez anterior aos contos de *Urupês*, mas perde já um pouco em riqueza literária, em riqueza expressional, em benefício do novo ideal estilístico de Lobato: clareza acima de tudo, e o mínimo possível de “literatura”, isto é, literatura entre aspas, que para ele era uma falsa literatura, a literatura das metáforas e ornamentos retóricos.

(...) Esse novo ideal ele o coloca em prática, já de forma e maneira radicais, no romance *O presidente negro*. Aqui, Lobato já é um escritor distante daquele Lobato preocupado com o estilo e a propriedade de expressão: passou a ser um escritor que quer comunicar-se com objetividade e clareza. Mas ele recai, assim me parece, num estilo tendente ao jornalístico, que ele tanto repudiava nos anos em que procurava um estilo literário. (BARBOSA, 1996, p. 54)

Essa crítica ao estilo lobatiano, principalmente, a partir da publicação de *O presidente negro*, reforça a preocupação do autor em se fazer entender. Porém, nesse sentido, uma crítica aos textos direcionados ao público adulto é o fato de esses servirem “apenas” como difusão de ideias do autor e, por isso, talvez, a preocupação com a objetividade e clareza.

Ainda no texto crítico de BARBOSA (1996), a ficção científica de Lobato ocupa um espaço de meia página no capítulo denominado “A ficção de Monteiro Lobato” cujo item *Romance* destaca o que o autor chama de ficção de futuros. Nesse pequeno texto sobre o único romance de Monteiro Lobato, o autor o considera, provavelmente, o primeiro de ficção de futuros escrito no Brasil e afirma que o texto “não supera as limitações dessa falsidade inexplicável – e parece inevitável – inerente a essa espécie de ficção literária.” (BARBOSA, 1996, p. 82)

Ainda sobre *O presidente negro*, BARBOSA (1996) afirma que:

A narrativa consegue prender a atenção do leitor. Falta, porém, densidade e sobretudo *atmosfera*, com as emoções que provoca. E a linguagem é pobre: jornalística. Um romance que se impôs limitações – e não as transcendeu. Obra secundária no concerto de ficções de Monteiro Lobato, mas espantosamente profética, como o tem demonstrado os acontecimentos nos Estados Unidos. (BARBOSA, 1996, p. 82)

Assim, mais uma vez, sobressai a pertinência da obra de antecipação de Lobato em relação aos acontecimentos verificados na realidade, principalmente, nos Estados Unidos da América.

A preocupação com o homem brasileiro e o seu progresso e o futuro da humanidade, na sua organização social e política, foi mencionado, também, na obra *Monteiro Lobato – Furacão na Botucúndia* (1997). No capítulo intitulado “Um romance americano”, destinado a

análise do romance de Lobato, os autores analisam a perspectiva em relação à humanidade e afirmam que Lobato compara os modelos de sociedade brasileiro e norte-americano, apontando os problemas nos dois países, as tendências de governos implantados em cada um e questiona o futuro econômico baseado no consumismo e totalitarismo. Dessa forma, afirmam os autores:

Além das incursões “futurológicas”, nessa obra Lobato realiza uma profunda reflexão sobre assuntos que sempre preocuparam a humanidade. Manejando estereótipos e fantasias do inconsciente coletivo, discute temas como a luta entre os sexos, conflitos raciais e injustiça social, ao mesmo tempo em que reavalia os conceitos de liberdade e dominação. Destacando o acordo dos antigos inimigos brancos no momento de enfrentar a ameaça do poder negro, ele retoma a questão do pacto das elites. E, apesar da sua admiração pelo pragmatismo orgânico dos Estados Unidos – em contraposição ao idealismo utópico latino – americano, Lobato coloca o dedo na ferida da desigualdade entre as raças e do perigo do consumismo extremado daquele país. (AZEVEDO, 1997, p. 217)

A iniciativa de Lobato em “colocar o dedo na ferida da desigualdade entre as raças”, como foi ilustrado e defendido pelos autores, aponta a preocupação do autor brasileiro de provocar a discussão sobre o complexo tema do racismo e não propagandear teorias eugenistas que têm como objetivo eliminar a raça negra. Essa justificativa, para os autores, é embasada pelo estilo provocativo de Lobato que possuía tom irônico e linguagem direta em suas obras. Sobre essa questão, explicam os autores:

Lançando mão de uma temática mais tarde consagrada por George Orwell e Aldous Huxley em *1984* e *Admirável mundo novo*, Lobato expunha os aspectos trágicos dos governos totalitários ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, produzia discursos próximos às teses eugenistas, ele não fugiu ao seu estilo, levando a ironia ao paroxismo – próxima à caricatura – e conseguindo, assim, estabelecer maior empatia com o leitor. (AZEVEDO, 1997, p. 217)

Um aspecto interessante apresentado na mesma obra de AZEVEDO (1997) é o estudo acerca da estrutura da obra de Lobato, principalmente, no que se refere ao tema de *O presidente negro* e à categoria das personagens.

Com H. G. Wells – que defendia idéias pacifistas e de reformas sociais, e cujas obras *O homem invisível*, *História do futuro*, *A construção do mundo* e *Destino da espécie humana*, entre outros títulos, ele traduziria nas décadas de trinta e quarenta –, Lobato não tinha em comum apenas a escolha de um tema “futurista”. Assim como na produção do seu contemporâneo britânico, *O choque* também pontua-se por um senso de humor cerebral extremamente refinado – por exemplo, utilizando nomes inspirados na vida real para seus personagens. (AZEVEDO, 1997, p. 217)

Por meio da categoria das personagens, o estilo irônico e contundente de Lobato para provocar os leitores e a sociedade com temas “difíceis” e “impróprios” para a época “abrandava-se” por meio da construção dos tipos inspirados na realidade e nos tipos que ele sonhava como ideais para a sua sociedade do futuro. Neste caso, figura-se, como já foi dito, a personagem Emília e Jeca Tatu de obras anteriores e, em *O presidente negro*, a feminista Miss Evelyn Castor, o negro de gênio Jim Roy, o presidente norte-americano Kerlog, a brilhante mente de Dr. Benson, o pacato empregado da burocracia brasileira Ayrton Lobo e a inteligente e bela Miss Jane.

Evelyn Astor, o professor Benson e todos os seis membros da Convenção da Raça Branca baseiam-se em personalidades da vida real. Astor e Benson referem-se respectivamente a Jean-Jacob Astor (1763-1848), mentor da Biblioteca Pública de Nova Iorque, e a um dos filhos do arcebispo de Canterbury, professor em Eton, tradicional escola inglesa. Os membros da Convenção remetem, entre outros, a George Abbot – arcebispo de Cantuária que trabalhou na redação da Bíblia do rei James I, a Perkins – inventor de uma máquina a vapor, ao socialista utópico inglês Robert Owen e a Calvin Coolidge, eleito presidente dos Estados Unidos em 1924 com a maior bancada que o partido republicano já obtivera. (AZEVEDO, 1997, p. 220)

Desse modo, a categoria de personagens nas obras de Lobato desempenha um papel importante para o objetivo do autor em discutir problemas econômicos, sociais, políticos e raciais.

Outro trabalho como ilustração dessa importância da categoria das personagens, mas com abordagem na questão do negro é o artigo “A figura do negro em Monteiro Lobato” (1998), de Marisa Lajolo, no qual a autora discute as relações e posições ideológicas construídas pelo narrador acerca das personagens negras de Lobato nas obras *Histórias de tia Anastácia* e *O presidente negro*. Nesse trabalho, a autora conclui que os conflitos construídos

e representados pelas personagens negras são violentos porque assim o são na realidade e que a literatura de Lobato ao revelar esses conflitos desvela, mesmo que de forma avessa, as convenções de apaziguamento. Esse caráter sociológico de análise das personagens faz referência à situação do negro na época das *Histórias de tia Anastácia* e ecoa no futuro imaginado de *O presidente negro*. Assim, o autor ao abordar tais questões, mesmo polemicamente, estaria incitando discussões sobre um problema tão presente na história brasileira e, também, em outros países, como é o caso do preconceito racial.

Outra análise sociológica das personagens negras está na dissertação de Mestrado intitulada *De negrinha a Tia Nastácia: um estudo sobre as personagens negras na obra de Monteiro Lobato (2001)*, de Fabília Aparecida Rocha de Carvalho Honorato de Oliveira que, de uma forma geral, procurou verificar a estereotipação das personagens negras nas obras de Lobato em suas publicações destinadas aos adultos e crianças e, também, analisar o negro no sentido de ser retratado, nessas obras, como “negro fiel” ou “negro demônio”.

A personagem do Sítio do Pica Pau Amarelo, Tia Anastácia, sobrevive no imaginário como a negra contadora de histórias folclóricas, a criadora da boneca Emília e a cozinheira que preparava deliciosas receitas como os famosos bolinhos de chuva. O seu espaço era condicionado à cozinha do Sítio de Dona Benta e, nas discussões que se envolvia com Emília, sempre saía ofendida e humilhada pela boneca. Já a personagem Jim Roy de *O presidente negro*, apesar de ser descrito como um líder da raça negra norte-americana sucumbiu aos planos do candidato branco derrotado cedendo seu lugar na presidência daquele país. É possível verificar uma tendência nas obras de Lobato de estabelecer conflitos entre personagens que representam perspectivas opostas. No caso de Tia Anastácia, Emília era o elemento de desequilíbrio. A boneca falante desafiava os conhecimentos de tia Anastácia, alegando que a negra não possuía instrução ou qualquer base filosófica ou científica acerca das coisas. Em *O presidente negro*, o candidato à presidência da república Jim Roy, apesar de ter maioria absoluta de votos, enfrentou a “inteligência” e a “tradição branca” e foi vencido pelos que ainda detinham o poder, tornando-se, assim, vítima de uma conspiração.

Em relação às personagens de Lobato, um estudo de caráter sociológico encontra-se no livro *Personae: grandes personagens da literatura brasileira (2001)*⁸, Marisa Lajolo no artigo “Emília, a boneca atrevida”, destaca a grande personagem de Monteiro Lobato e

⁸ LAJOLO, Marisa. Emília, a boneca atrevida. In: JUNIOR, B. A.; MOTA, L. D. *Personae: grandes personagens da literatura brasileira*. São Paulo: Editora SENAC – São Paulo, 2001.

relaciona a obra *A chave do tamanho* ao *O presidente negro*. As duas obras mencionadas instauram a crítica ao homem que não mede as consequências para alcançar o poder e que por isso alteram a ordem natural das coisas; representam também o possível desequilíbrio social causado pelas atitudes mesquinhas e insanas do homem. Em *A chave do tamanho*, a boneca Emília tenta resolver à sua maneira os conflitos numa sociedade atormentada pela guerra diminuindo os seres humanos, fazendo-os refletir sobre sua condição. Em *O presidente negro* a disputa envolve, também, o futuro da humanidade representado pela aniquilação de pessoas com o extermínio de uma raça em prol e supremacia de outra.

Já em *História da literatura brasileira: realismo e simbolismo* (2001)⁹, Massaud Moisés, assinala a importância do autor em sua luta pelas causas brasileiras e aponta os defeitos do romance lobatiano. Segundo o autor, o romance de ficção científica de Monteiro Lobato erra pela ligeireza com que são criadas e resolvidas as situações e conflitos. O crítico aponta, ainda, para o fato de que o romance não era o forte do escritor de Taubaté, o que o próprio autor confirmou, em carta ao amigo Rangel, que a pressa e a urgência em fazer seu nome, obter lucros e criar uma editora nos Estados Unidos atrapalharam as pretensões do livro *O presidente negro*. Para Moisés (2001), o livro era inadequado em sua forma e conteúdo para os padrões do próprio autor e, principalmente, para a sociedade norte-americana representada na ficção científica de Lobato.

Além disso, outro problema verificado em algumas publicações acerca do romance de ficção científica de Lobato é a questão da identidade racial. As personagens negras são caracterizadas no livro como descontentes com suas aparências a ponto de se submeterem a um raio Ômega que, além de alisar os cabelos, deixavam-nas estéreis. A questão da identidade racial, frequentemente levantada em apreciações críticas do livro *O presidente negro*, demonstra o papel do negro na sociedade brasileira e estabelece um interessante paralelo com a situação do negro na obra de Lobato, ou seja, as personagens negras na obra lobatiana são submetidas ao raio Ômega porque são desejosos de uma aparência diferente da que possuem. A busca da identidade do negro fundamenta-se na aproximação da aparência branca. Em síntese, o que os negros buscam é alcançar uma “aparência” semelhante ao do homem branco. Assim, fica evidente a crítica de Lobato à sociedade americana e também brasileira no que diz respeito às mudanças impostas à sociedade em reproduzir os conceitos e padrões de beleza.

⁹ MOISES, Massaud. *História da Literatura Brasileira: realismo e simbolismo*. São Paulo: Editora Cultrix – SP, 2001.

A discussão elementar sobre a utilização do raio Ômega para a esterilização do negro alinhada ao pensamento exposto, é retomada por Lajolo (1998) em seu texto *Negros e negras em Monteiro Lobato*¹⁰:

Pode-se, assim, ler em *O presidente negro* uma grande metáfora das conseqüências da desculturação de um grupo étnico e, simultaneamente, o grau de solidariedade entre ciência, arte, tecnologia e comunicação, tal como são praticados nas instâncias centrais e que só encontram seu sentido último nas lutas que pelo poder se travam no corpo social; e comunicação, tecnologia, arte e ciência, no caso, serviram para a população branca exterminar a população negra. (LOPES, 1998, p. 79)

Como podemos perceber as questões de identidade na obra *O presidente negro* de Monteiro Lobato adquiriu diferentes vertentes. Essa questão, alinhada ao pensamento progressista do autor, demonstram a importância de, no início do século XX, um escritor posicionar-se em relação a temas tão difíceis para a época. Além da sua importância como escritor nesse cenário controverso, Monteiro Lobato considerava-se o porta voz dos novos tempos, do progresso que estava por vir no Brasil e responsável pela divulgação de novas tecnologias, de novas ciências e de novas descobertas, como é o caso do Petróleo.

No sentido de retratar o autor Monteiro Lobato como um utopista, há trabalhos como o de Sueli Tomazini Barros Cassal intitulado *Amigos escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel* (2002) que no capítulo denominado “O semeador de horizontes”, realiza uma análise das obras de Lobato considerando-o um antecipador. Segundo a autora, “as previsões de Lobato se concretizaram, pois eram calcadas em conhecimento científico.”¹¹

Para Cassal, em *O presidente negro*, Monteiro Lobato extrapola o campo da ficção científica ao detalhar eventos que foram possíveis realizar.

Em *O presidente negro*, livro em que defende as idéias antecipatórias de escritores e de cientistas como sendo profecias rigorosas, Lobato aventa a

¹⁰ LOPES, E. M. T. L.; Gouvêa, M. C. S. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

¹¹ CASSAL, S. T. B. *Amigos escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Oficina do livro Rubens Borba de Moraes, 2002. p.215

possibilidade de “clonagem”, fato que acabou se verificando no final deste século. Com a relação à realidade brasileira, as profecias captadas pelo porviroscópio vislumbram o Mercosul. Em *A reforma da natureza*, Emília e o Visconde de Sabugosa manipulam geneticamente animais e plantas, mutações só obtidas nos anos 90 deste século, porém imaginadas, segundo Trousson (1998, p. 54), desde os século XVII pelos utopistas Foigny, Cyrano de Bergerac ou Rétif de la Bretonne. (CASSAL, 2002, p. 216)

Ao contrário disso, Roberto de Sousa Causo em sua obra *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil* (2003) afirma que o autor Monteiro Lobato utilizou de seu romance de ficção científica para realizar uma propaganda da eugenia e, conseqüentemente, desenvolver o Darwinismo social, cujo objetivo era aplicar mecanismos da seleção artificial até então utilizada em plantas e animais no terreno da reprodução humana e do cenário social. Assim, Causo (2003) afirma que:

Monteiro Lobato, cidadão do seu tempo que era, caiu pela falácia do Darwinismo Social. Claramente influenciado por Wells em seu romance *O presidente negro* ou *O choque das raças* (1926), Lobato condena a mestiçagem brasileira, louva a discriminação racial nos Estados Unidos e lança um projeto de eugenia que afirma: “Desapareceram os peludos [e lembrem-se das sobrançelas do autor]...os surdos-mudos, os aleijados, os loucos [...] a legião inteira de mal-formados no físico e no moral, causadores de todas as perturbações da sociedade humana.” No romance, a divisão do eleitorado branco, em 2228, permite a suprema ascensão de um presidente negro. Como resultado, os brancos se unem mais uma vez para ressubmeter os negros ao seu controle. (CAUSO, 2003, p.137)

Para Enio Passiani, a publicação de *O presidente negro* marca o início de uma má fase instaurada pela crise econômica e pela falta de criatividade do autor. Muitos problemas de ordem financeira, de infraestrutura do país e recessão mundial, no início do século XX, abalaram os negócios de Lobato, fazendo-o perder sua editora e um pouco de seu *status* literário. Somando-se a essas crises, a escolha do gênero romance de ficção científica, o seu conteúdo, o choque entre brancos e negros e a destinação do livro *O presidente negro* para um público específico contribuíram para o fracasso literário e comercial no Brasil e a inviabilidade de publicação no mercado norte-americano, pois não correspondia às expectativas do mercado estrangeiro e, ainda, tratava-se de um tema inusitado e de difícil aceitação.

Ainda sobre o momento de crise de Lobato e o fracasso de *O presidente negro*, Passiani conclui que “[...] sua aventura literária foi uma tentativa frustrada de recuperar fama e prestígio alhures, já que sua condição no ambiente literário nacional da época era precária”. (PASSIANI, 2003, p. 238)

Contraditoriamente, Lajolo (2004), em sua obra *Como e por que ler o romance brasileiro*¹², afirma que *O presidente negro* “atualizou discussões sobre o preconceito racial” (p. 32) e que nesse polêmico jogo de raças “o leitor decide do lado de quem está o narrador e também por quem ele – leitor – torce” (p. 32).

Dessa forma, as discussões a respeito do livro *O presidente negro* tomam caminhos complexos e delicados, pois analisando a obra a partir da perspectiva sociológica, a tendência é alinhar o pensamento do autor ao que é tomado como verdade pelas personagens criadas por Lobato. Sabemos que esse posicionamento, segundo Antonio Candido, é precipitado e requer uma análise estrutural da obra tendo em vista quais fatores estéticos concorrem para estabelecer a significação, considerando seus elementos literários e verossimilhantes.

Outra crítica que se faz ao *O presidente negro* está no livro *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo*¹³, especialmente o capítulo intitulado “Monteiro Lobato e o uso da literatura para o catecismo do branqueamento”. Nesse texto, o autor sugere que Monteiro Lobato adotou a literatura como recurso laudatório para o projeto de branqueamento e comenta que a obra faz referência não só à situação racial dos Estados Unidos bem como à brasileira, e que os elementos da narrativa são habilmente manejados pelo autor para posicionar-se ante a situação racial dos dois países. Assim, segundo o autor, a literatura de Monteiro Lobato está a serviço de uma causa racial que, apesar de travestida em romance de ficção científica, deixa claro suas reais intenções em relação à sociedade da época.

No artigo *Paranóia ou Progressismo*¹⁴, publicado na seção “Mais!” do jornal *Folha de São Paulo*, em 18 de novembro de 2007, o autor Alcino Leite Netto afirma que as questões polêmicas do livro, como o suposto racismo e eugenismo, contribuíram para a sua

¹² LAJOLO, Marisa. *Como e porque ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

¹³ DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo*. São Paulo: Editora Senac, 2003

¹⁴ NETTO, Alcino L. *Paranóia ou Progressismo?* Folha de São Paulo. São Paulo, 18 nov. de 2007. Caderno Mais!

manutenção no canto embolorado dos alfarrábios, no entanto, para o autor, suas sugestões provocativas sobre o futuro merecem a atenção dos leitores. Destaca, também, o gosto de Lobato por Nietzsche e a idéia do super-homem, ou seja, o homem superior. O autor conclui que o livro *O presidente negro* é “uma pedra no sapato da literatura brasileira”.

Além dessas manifestações sobre os aspectos temáticos e as reais intenções do livro, outras características que são evidenciadas em *O presidente negro* são referentes às previsões sobre a tecnologia. As antecipações realizadas sobre as inovações tecnológicas no romance como, por exemplo, um sistema de rede, semelhante à internet atual, e a utilização desse sistema para a realização de trabalhos em casa e a realização das eleições por meio do sistema de ondas de rádio são exemplos que, atualizados, surpreendem pela semelhança com as tecnologias implantadas no mundo atualmente.

No romance *O presidente negro*, a sociedade representada é avançada tecnologicamente. Desde o automóvel utilizado por Ayrton Lobo e os equipamentos encontrados no castelo do Dr Benson e Miss Jane até as máquinas construídas na fictícia sociedade norte-americana do ano de 2228, a tecnologia é ilustrada como um bem para a humanidade. Assim, na sociedade do romance de ficção científica de Monteiro Lobato, a população convive harmoniosamente com equipamentos radiofônicos, sistemas que lembram a internet, letreiros digitais e outras invenções que foram criadas para facilitar o trabalho e o bem estar das pessoas. Dessa forma, numa sociedade cuja população tem o pleno acesso às tecnologias mais recentes, o conflito que sobressai é a disputa cuja arma principal é a inteligência utilizada de acordo com os interesses de cada grupo. O partido do presidente Kerlog, o partido do candidato Jim Roy que representa a população negra e o partido feminino representado pela candidata Miss Evelyn Astor colocam em jogo seus interesses e a defesa do ideal de cada grupo estabelecendo uma disputa aparentemente democrática, mas que evidencia a supremacia de uma raça e o aniquilamento de outra por meio da sabedoria.

Neste sentido, um artigo recente publicado na revista *Veja*, em 26 de março de 2008, retrata, na opinião de Roberto Pompeu de Toledo, a visão de mestiçagem impregnada no Brasil do início do século XX e que, na opinião do autor, refletiu na obra de Monteiro Lobato. Diz Toledo (2008) que:

A moda no Brasil era acreditar na maldição da mestiçagem. Ela teria criado uma raça fraca de corpo e mentalmente inepta. Nos EUA, ao contrário, a segregação, conforme diz Lobato no livro, gerou "a glória do eugenismo

humano". Lido hoje, *O presidente negro* deixa uma dúvida: o autor falava a sério ou estaria usando da ironia para denunciar o despropósito da eugenia e do racismo?¹⁵

No mesmo texto, o autor declara que a questão racial era considerada de maneira diferente no Brasil e nos Estados Unidos, por isso, Toledo afirma que:

No Brasil, onde as teorias racistas foram moeda comum entre os intelectuais da segunda metade do século XIX até a primeira do XX, a história chocava menos do que naqueles EUA em que a segregação era consagrada em lei.

Em conformidade com os aspectos tecnológicos no romance de ficção científica de Lobato, na obra *TV digital no Brasil: tecnologia versus política*¹⁶, de Renato Cruz, é descrito um aparelho de trabalho em rede que, comparando-o com outras inovações “realizadas” por autores como W.G. Hells e Vannevar Bush, a autenticidade e capacidade criativa de Lobato predomina. Segundo Cruz (2008), Wells havia proposto a criação de uma enciclopédia mundial com a tecnologia do microfilme. Já Vannevar Bush, em 1945, propôs a criação de um aparelho com teclado e tela para o armazenamento de microfilmes. Mas é Lobato que descreve um sistema de trabalho em rede que pudesse ser feito de qualquer lugar, até mesmo de nossas casas sem a preocupação de nos deslocarmos até o local de trabalho.

H. G. Hells e Vannevar Bush imaginaram equipamentos desconectados. O escritor brasileiro Monteiro Lobato chegou a pensar em um sistema em rede, como a internet. Ele seria utilizado para a votação eletrônica no romance *O presidente negro...* (CRUZ, 2008, p. 80)

Desse modo, fica evidente a repercussão das questões tecnológicas mencionadas no livro e de suas utilidades na composição do enredo futurista como, por exemplo, o trabalho em redes e a votação dos eleitores dos Estados Unidos realizada de suas próprias residências, na ocasião das eleições norte-americanas do ano de 2228.

¹⁵ TOLEDO, R. P. In. VEJA. Revista. São Paulo: Edição 2053, 26 mar. 2008.

¹⁶ CRUZ, Renato. *TV digital no Brasil: tecnologia versus política*. São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2008.

Além dessas visões futurísticas presentes na obra *O presidente negro*, outra análise em relação à modernidade de Lobato encontra-se num texto da seção Ilustrada do jornal *Folha de São Paulo*, publicado em 17 de abril de 2008, que aborda a seguinte questão na ocasião do relançamento do livro em 2008: “Monteiro Lobato: Passadista ou Visionário?” Nesse artigo, o autor lembra a polêmica envolvendo Monteiro Lobato e seus colegas modernistas, no caso, Anita Malfatti. Para esses, Lobato era xenófobo, retrógrado, regionalista, além de racista e nazista. No mesmo artigo, o biógrafo de Lobato, Vladimir Sacchetta sai em sua defesa e diz que o autor foi vítima da sociedade conservadora e que seu projeto de modernidade era incompreendido pelos críticos. Lembra ainda que os livros de histórias de Emília foram queimados em escolas religiosas como forma de protesto aos insultos à família e à cristandade.

Na tendência de enquadrar o livro como ficção científica, o artigo publicado na edição eletrônica do jornal *Le Monde diplomatique*, o articulista Fábio Fernandes instiga o leitor a conhecer essa obra que prega o socialismo utópico baseado na ciência e tenta, opondo-se a uma leitura “apressada”, captar a perspectiva do livro que critica uma sociedade por meio do humor:

Se tivesse nascido uns trinta ou quarenta anos antes, Lobato provavelmente teria sido convidado para fazer parte da Fabian Society, que tinha entre seus membros H. G. Wells e Bernard Shaw, pregava o socialismo científico ou utópico e previa o progresso da humanidade por meio da ciência (certamente não é coincidência alguma que o ministro da Equidade do governo Kerlog se chame Berald Shaw).¹⁷

E ainda:

Mas, seguindo o bom espírito de Groucho Marx (de quem foi contemporâneo, e que dizia que não entrava para clube que o aceitasse como sócio), provavelmente a rejeitaria, seria um enfant gaté; certamente um enfant terrible. Pois, vivendo num país que rejeitava o progresso e ainda vivia no atraso tecnológico, Lobato reagia com uma arma poderosíssima, que os brasileiros sempre souberam usar muito bem (e ele mais do que todos): o humor.¹⁸

¹⁷ FERNANDES, Fábio. Disponível em < <http://diplo.uol.com.br/2008-06,A2459> > Acesso em: 13 de fevereiro de 2010.

¹⁸ Idem.

Desse modo, outro olhar é lançado ao polêmico livro de Monteiro Lobato. A utilização do humor para compreender a metáfora crítica de Lobato em relação à sociedade é fundamental para a recepção dessa obra. A leitura deve ser feita às avessas, ou seja, tomar como contra-exemplo o que está expresso no livro. Ainda no mesmo artigo, Fernandes lança aos leitores uma provocação que talvez seja fundamental para a plena compreensão do livro e para a “aceitação” do escritor ao retomar a figura de Jeca Tatu. A este, assim como às personagens negras de *O presidente negro*, também é sugerido mudar sua condição para tornar-se um homem melhor.

Mas alguém realmente acredita que Lobato queria a erradicação dos negros? Falta a um crítico que eventualmente analise mais a fundo esse único romance adulto de Lobato a percepção do contexto histórico em que ele foi escrito. Uma época muito anterior ao nazismo, em que se acreditava na eugenia primordialmente como uma questão de saúde pública (e era com essa questão que Lobato mais se importava, como quando escreve sobre o Jeca Tatu; num primeiro escrito, Lobato chega a acreditar que o Jeca é como é por uma questão genética, e nisso é preconceituoso; mas em pouco tempo se convence de que seu preconceito é uma bobagem, e que o caipira é ‘preguiçoso’ devido a uma série de doenças que, se combatidas, tornarão o caipira um cidadão produtivo como qualquer outro).¹⁹

Nesse sentido, o antropólogo Roberto Da Matta em seu artigo *Obama e o mito do presidente negro (nos E.U.A...)*²⁰, provoca a discussão sobre a criação da ficção científica de Lobato e afirma que a sociedade brasileira da época do século XX confirma a necessidade do autor recorrer a uma ficção futurista para desenvolver o enredo de *O presidente negro*. No Brasil do século XX, era impensável a candidatura de um negro a ocupar um cargo político tão elevado, diferentemente dos Estados Unidos que admitia tal ocorrência política baseada no igualitarismo social. Assim, como ocorreu na ficção de Lobato, a disputa entre um homem negro, uma mulher e um homem branco confirmaram-se nas prévias das eleições norte-americanas do ano de 2008. Essa emblemática disputa, já antecipada no livro de Lobato, foi possível devido à política de valorização das diferenças.

Segundo Da Matta:

¹⁹ Idem.

²⁰ DA MATTA, Roberto. *Obama e o mito do presidente negro (nos EUA...)* Disponível em <<http://www.eagora.org.br/arquivo/Obama-e-o-mito-do-presidente-negro-nos-EUA.../>> Acessado em 14 de fevereiro de 2010.

O talento extraordinário de Monteiro Lobato nos legou, em 1926, a história de um presidente negro. Não neste nosso Brasil onde vigora o hibridismo e, para os mais afoitos, uma democracia racial, mas nos Estados Unidos. Justo na terra dos linchamentos, da segregação e de uma inominável Ku Klux Klan.

No Brasil ainda sonolento de escravismo dos 1920, dono de uma preponderante população negra e mestiça, a hipótese de ter um presidente (ou um candidato “de cor”) era impensável. Estava na categoria das sátiras desvairadas, como imaginar uma pessoa que não pedisse emprego ao parente ministro; não escapasse de uma multa por ser do governo; ou encontrar um político que não fosse terrivelmente apaixonado por si mesmo.

E ainda sobre a temática do romance de ficção científica de Monteiro Lobato, DA MATTA esclarece que:

O que Lobato viu como uma virtual guerra racial, tem se resolvido pelo liberalismo. Pela maneira igualitária de lidar com os problemas entre os diferentes, que, no liberalismo, têm o direito à diferença. As consequências imprevisíveis da igualdade como valor produziram nos Estados Unidos esses pré-candidatos negros e mulheres. Aquilo que para Monteiro Lobato seria possível apenas pelo recurso à mais delirante ficção, leva a pensar no poder da negociação e do debate, marcados pela justiça e pelo igualitarismo liberal como instrumento efetivo de mudança social e política.²¹

Contrário a essa ideia de crítica e crença no que melhor há do homem, um texto recente sobre Monteiro Lobato e o seu *O presidente negro* lança dúvidas sobre suas boas intenções e alinha o pensamento do escritor a Hitler. O jornalista Roberto Pompeu de Toledo, em um artigo para a revista Piauí, escrito em outubro de 2008, afirma que o enredo futurista de Lobato deve ser contado sem a presença de crianças, defensores dos direitos humanos, humanitários, enfim, longe daqueles que pregam a igualdade dos povos, pois o conteúdo é racista, discriminatório e ofensivo. Segundo o autor, na busca de um presidente negro no enredo o que se encontra é a figura de Hitler, transmutada por meio da personagem Presidente Kerlog e seus ministros da equidade racial e nas práticas eugenistas impostas pelos homens brancos da sociedade norte-americana do ano de 2228 para conter o avanço do presidente Jim Roy e de todos os seus eleitores negros.

Ainda no mesmo texto, Toledo (2008)²² justifica a perspectiva da personagem Miss Jane, que é uma espécie de Sherazade brasileira, com as ideias eugenistas de Monteiro Lobato. Como ocorre com Emília, a personagem loira e de olhos azuis do romance lobatiano expressa os pensamentos da época e, principalmente, a concepção de Monteiro Lobato que, da

²¹ Idem.

²² TOLEDO, Roberto Pompeu. *Visionário espiroqueta*. Revista Piauí. Ed. Outubro de 2008.

mesma forma que tentou modificar o Jeca Tatu do cenário brasileiro, também o fez com o negro transformando-o em homem branco. E lança a seguinte provocação ao comparar criador e criatura:

Quem é essa miss Jane? Deve-se tomar sua voz como a do próprio autor do livro? Por trás da formosa castelã de Friburgo, loura e de olhos azuis - ela própria o triunfo da eugenia, tal qual entendida por seus propugnadores - se esconderiam as idéias do baixinho, mirrado e moreno Lobato? ²³

Por outro lado, um artigo eletrônico recente sobre a obra de ficção científica de Monteiro Lobato intitulada *O presidente negro*, de Ricardo de Mattos, expõe as impressões de leitura do livro à luz das prévias norte-americanas realizadas em 2008 e afirma que:

No mundo tão evoluído como o apresentado pelo escritor, é justamente a questão racial que deveria ficar para trás. O contrário também é válido: Lobato pode ter querido dizer que o ser humano é tão tacanho, que apesar da passagem dos séculos e do avanço cultural e tecnológico, fica entretido com questões sobre qual raça ou sexo é melhor, qual deve prevalecer, qual deve ter quotas reservadas em universidade etc. E tais extremos serão alcançados se agora não for dado um basta nessas trivialidades. Afinal, como ele explicou no começo do romance, o futuro nada mais é do que a combinação de fatos presentes.²⁴

Assim, por meio das manifestações sobre o polêmico romance de ficção científica de Monteiro Lobato, verificamos as várias perspectivas de análise e de recepção produzidas até o presente momento. Evidenciam-se as diversas facetas de uma obra que põe em jogo costumes e ideologia e provoca manifestações calorosas de grupos sociais com o objetivo de enquadrar a obra de Lobato em análises por vezes reducionistas. Considerando a afirmação de Lajolo (1985) de que a obra artística “perde” sua aura, pois o interesse primeiro de Lobato era a difusão da leitura e, conseqüentemente, a obtenção de lucro material, ou o ponto de vista de um grupo de defesa dos direitos humanos que categorizam o texto lobatiano como um manual de embranquecimento da raça negra, o que convém destacar é a importância desse romance de ficção científica que, além dessas questões raciais e utilitárias, antecipou concepções filosóficas e previu transformações tecnológicas que ainda hoje buscamos realizar.

²³ Idem.

²⁴ Mattos, Ricardo. *O presidente negro*, de Monteiro Lobato. Disponível em: www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2578 Acesso em: 20/04/2010

Capítulo II

Das utopias e distopias: o romance de ficção científica de Monteiro Lobato

2.1. O romance de antecipação e a representação da sociedade

A obra *O presidente negro* de Monteiro Lobato, considerada por alguns críticos como um exemplo de obra bem sucedida de ficção científica e, por outros, uma tentativa frustrada num gênero que não era o forte do escritor, divide opiniões sobre sua importância para a literatura brasileira. O enredo do livro mostra o embate racial sofrido pelos Estados Unidos no ano de 2228 com a eleição do primeiro presidente negro da história daquele país.

Dentre as várias leituras apresentadas sobre essa obra, Diwan (2007) em *Raça pura – uma história de eugenia no Brasil e no mundo*, afirma que a ficção de Lobato “serve para nos lembrar dos perigos e sucessos da ciência, mas também para refletir sobre que tipo de sociedade construímos através de ações no presente”.²⁵

Essa afirmação permite o debate a respeito dos perigos de uma sociedade controlada racial e moralmente. Assim, a autora chama a atenção para o fato de que Lobato antecipa discussões e utiliza a sociedade norte-americana que era, à época, uma sociedade avançada em todos os sentidos, para polemizar acerca das transformações sociais e tecnológicas. Essa característica antecipatória reafirma a necessidade do escritor de dar forma a um conteúdo futurista por meio de sua ficção científica, pois segundo Schoereder (1986), “o fato é que o

²⁵ DIWAN, Pietra. *Raça Pura: Uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

fantástico, a fantasia e a especulação incorporam-se definitivamente à ficção científica, e fica bastante difícil traçar linhas divisórias entre um e outro tipo de histórias...”²⁶

A maior inspiração de Lobato foi, sem dúvida, a obra *Uma utopia moderna* (1905) do autor inglês H.G. Wells. Lobato introduziu as obras de Wells no Brasil na década de 30 por meio de suas traduções publicadas pela Companhia Editora Nacional. As obras traduzidas foram: *O homem invisível*, *A ilha das almas selvagens*, *História do futuro*, *O destino da espécie humana* e *A construção do mundo*. Em carta enviada ao amigo Rangel, Lobato afirmou que seu romance futurista seria escrito à Wells e, por isso, se autodenominava o “Wells de Taubaté”.

O romance futurista *O presidente negro* projetou uma sociedade futura, colocando em prova muitas questões de ordem social, política, econômica, tecnológica e, também, questões ligadas às transformações que o conhecimento, principalmente o científico, pode proporcionar a um país.

As especulações de Lobato foram tão eficientes que a polêmica sobre sua obra continua atual e a cada leitura é impossível não mencionar a questão do negro, do racismo e da eugenia, tomando certos cuidados de análise, tendo em vista a dificuldade verificada na sociedade atual de se debater esse difícil assunto. Acreditamos que a questão do racismo não será resolvida, mas é importante atualizarmos as discussões tendo em vista os conflitos raciais e étnicos presentes nos dias de hoje.

No início do século XX, Monteiro Lobato demonstra interesse pelas práticas de eugenia, que naquela época era considerada eugenia positiva, pois estava interessada em urbanizar o cenário brasileiro. Exemplo disso é a polêmica personagem Jeca Tatu e as campanhas que Lobato liderou para a melhoria das condições estruturais e sociais do país.

Nessa mesma época, Lobato aproxima-se do eugenista Renato Kehl e esse contato estreita o interesse do escritor pelas teorias eugenistas tão em voga no início do século XX. *O presidente negro* teria suas fundamentações colhidas desse contato entre Lobato e Kehl. Apesar disso, assim como foi esclarecido acerca de Jeca Tatu, o que Lobato pretendia era que o homem brasileiro fosse mais eficiente, moderno e urbanizado. Ao discutir questões sobre racismo, sexismo e modernidade em *O presidente negro*, o autor está propondo, mesmo que polemicamente, discutir, em 1926, o atraso do Brasil e suas conseqüências.

²⁶ SCHOEREDER, Gilberto. *Ficção Científica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986

Para o autor, tais discussões eram necessárias e exigia da intelectualidade brasileira da época posição favorável ao desenvolvimento social e urbano.

Nesse sentido, Diwan (2007) afirma que

A desilusão de Lobato com o Brasil, e principalmente com os críticos formadores de opinião, indica que a intelectualidade brasileira, em vez de preocupar-se em melhorar o país, vive no “esnobismo”. Para o adido comercial do Brasil em Nova York, o Brasil tem um destino trágico que será a “miséria econômica, física, biológica e moral da nossa gente”. (DIWAN, 2007, p. 111)

Esse caráter publicista de Lobato está evidenciado num interessante texto denominado “Rememórias de Emília” que faz parte do livro *Seleção natural* (2009) de Otavio Frias Filho. O autor faz uma análise da dimensão prática e literária de Lobato e afirma que:

Na concepção de Lobato, o Brasil era vítima de uma indolência atávica. Acompanhando os estudos sobre a formação nacional, que ganhavam grande impulso na época e estão na base da consciência sobre o Brasil moderno, Lobato transitou de um enfoque naturalista dessa indolência, atribuída a fatores raciais e climáticos, ao enfoque sociológico que passou a predominar nos anos 30, deslocando sua causação para fatores ligados à organização material da sociedade. Nosso autor voltou-se sucessivamente, assim, para o combate das queimadas, depois das endemias do sertão (impaludismo, amarelão, mal de Chagas etc.). O infame Jeca Tatu foi sendo, passo a passo, historicizado, sua situação atrelada à forma de organização da sociedade em lugar de a uma preguiça supostamente inata ou mórbida. Já nos anos 30, Lobato -sempre à busca de soluções espetaculares- resolve que ferro e petróleo, ícones da energia norte-americana, seriam o antídoto infalível contra nossa indolência, não agora natural, mas histórica. A idéia, em voga na época, era que o Brasil já perdera tempo demais, fazendo-se urgente adotar providências cirúrgicas, verdadeiros atalhos em direção ao futuro sempre postergado. Para a consecução dessa tarefa, seria necessário mobilizar todas as energias nacionais, inclusive as literárias.²⁷

²⁷ FRIAS FILHO, Otávio. *Seleção Natural: ensaios de cultura e política*. São Paulo: Publifolha, 2009.

A crença e a descrença no homem serão traços fundamentais da obra de Lobato, demonstrados por meio das personagens de *O presidente negro*. Essa caracterização é efetuada por meio do estabelecimento de um paradoxo entre o homem sábio e o homem comum; por meio da ciência, aquele consegue criar e pensar o mundo de forma racional e este apenas contempla as realizações proporcionadas pelos que detêm o conhecimento e a sabedoria. A metáfora da pedra filosofal é utilizada para representar a utopia do ser humano, ou seja, o homem deveria ser submetido a um trabalho de mutação interior, transformando-se de um estado inferior para um estado superior.

Esse intuito de Lobato fica evidente no início do romance *O presidente negro*, quando a personagem Ayrton Lobo reflete sobre o homem e a sua honestidade:

- Sim, porque se não fosse a desonestidade dos homens tudo se simplificaria grandemente. Esta demora no pagamento do mais simples cheque, donde provém? Da necessidade de controle em vista dos artifícios da desonestidade. Fossem todos os homens sérios, não houvesse hipótese de falsificações ou abusos, e o reconhecimento de um dinheiro far-se-ia instantâneo. Ponho-me às vezes a imaginar como seriam as coisas cá na terra se um sábio eugenismo desse combate a desonestidade por meio da completa eliminação dos desonestos. Que paraíso! (LOBATO, 2008. p. 23)

Nesse momento a personagem de Ayrton Lobo reflete sobre a desonestidade e as implicações para a burocracia de um país. Uma atividade simples e cotidiana é demonstrada como algo complicado, pela necessidade de se proteger contra os desonestos.

Outra grande influência para a visão de mundo lobatiana foi Nietzsche. Embasada na sabedoria e na ciência, a transformação social seria possível. Assim, fica evidente que uma das utopias de Monteiro Lobato era a conversão do homem brasileiro num ser civilizado e agente de mudanças que possibilitariam a construção de um país melhor. Assim como ocorreu com Jeca Tatu, era preciso implantar medidas para tirar o brasileiro do atraso e da ignorância em que se encontrava. E essas medidas deveriam ser práticas, ao estilo de Lobato isso significava mais dinamismo. Esse estilo do autor pode ser representado num trecho de *O presidente negro* ao detalhar uma reunião observada no futuro de 2228:

Solenidade de protocolo, nenhuma. Eram homens simples no trajar e nos modos, criaturas nada relembativas dos figurões que se reúnem hoje em conferências internacionais, vestidos de soleníssimas sobrecasacas e com solenérrimos tubos de chaminé reluzentes nas cabeças, como se plumagem dos perus influísse alguma coisa nas ideias dos perus. (LOBATO, 2008, p. 165)

O criador da personagem Emília estava indignado com os rumos do Brasil e não se conteve em criticar as elites da época. Como vimos, essa posição crítica e irreverente custou caro ao escritor com o exemplo de inúmeras manifestações negativas em relação à obra *O presidente negro* e com as tentativas de enquadrá-lo como autor que utilizava sua literatura para a divulgação da eugenia e da ciência, mas muitas de suas especulações são, ainda hoje, utopias e distopias.

2.2. A dialética de Ayrton Lobo e Miss Jane

O protagonista do romance *O presidente negro*, Ayrton Lobo, envolve-se numa espetacular história que mescla realidade e ficção, presente e futuro. Com isso, Monteiro Lobato nos propõe uma leitura alegórica da sociedade brasileira e norte-americana, estabelece uma dialética entre os dois tempos e enaltece os valores da sociedade norte-americana, que foi eleita por ele como modelo de organização e desenvolvimento.

Enquanto Ayrton Lobo é o narrador-protagonista da trama desenvolvida no “presente”, Miss Jane será a narradora dos acontecimentos futuros observados no porviroscópio. A dialética entre presente e futuro representados pelo casal de personagens será o foco central da narrativa futurista inventada por Lobato.

Com o desenvolvimento dessa dialética é possível estabelecer um paradoxo entre as personagens: a figura de Ayrton Lobo representa o funcionário humilde, ingênuo e sem perspectivas que apenas obedece ao sistema imposto; já a personagem Miss Jane, é uma mulher autônoma, é ela quem vê o futuro por meio da máquina porviroscópio criada por seu pai – o professor Benson, representando a figura do progresso e desenvolvimento que o conhecimento pode proporcionar. Assim, as personagens estão a serviço de dois “mundos” colocados um em cada extremo.

- Ainda havia jornais nesse tempo?

- Sim, mas jornais nada relembrativos dos de hoje. Eram radiados e impressos em caracteres luminosos num quadro mural existente em todas as casas.

(...) Pelo sistema atual, o colaborador ou escreve em casa o seu tópico ou vai escrevê-lo na redação; depois de escrito, passa-o ao compositor; este o compõe e passa-o ao formista; este o enforma e passa-o ao tirador de provas; este tira as provas e manda-o ao revisor; este o revê e envia-o ao corretor; este faz as emendas e...e a coisa não acaba mais! É uma cadeia de incontáveis elos, isto dentro das oficinas, pois que o jornal na rua dá início à nova cadeia que desfecha no leitor – correio, agentes, entregadores, vendedores, o diabo.

- Já estive numa oficina de jornal e sei o que é isso. Puro inferno...

- Pois toda esta complicação desapareceu. Cada colaborador do *Remember* radiava de sua casa, num certa hora, o seu artigo, e imediatamente suas ideias surgiam impressas em caracteres luminosos na casa dos assinantes.

- Que maravilha! (LOBATO, 2008, p. 119)

Esse paralelo sugere uma visão irônica de Lobato que sempre criticou o atraso do Brasil em relação aos países desenvolvidos, como os Estados Unidos da América. Assim, temos um exemplo da preocupação de Lobato em criar uma sociedade paralela e com acontecimentos futuros para provocar reflexões sobre sua própria época. De forma alegórica, cada personagem e acontecimento do futuro refletem sobre a realidade atual.

A sociedade americana do futuro narrada por Miss Jane ao personagem Ayrton Lobo encontrava-se no ano de 2228. Nessa época, os Estados Unidos passavam por um processo eleitoral marcado não só pela disputa de partidos como também pelos conflitos raciais, sexuais e sociais. Na disputa pela cadeira presidencial, estavam Miss Evelyn Astor, do Partido Feminino, e o senhor Kerlog, presidente em exercício e candidato à reeleição. Muitas questões são abordadas durante a disputa presidencial entre esses dois candidatos no sentido do poder feminino e masculino até que, surpreendentemente, surge outro candidato, Jim Roy, líder da comunidade negra que, em vez de apoiar um dos dois partidos, resolve lançar candidatura própria, para surpresa dos outros dois concorrentes. Como o Partido Feminino queria a derrocada do Partido Masculino, resolve, então, apoiar o candidato negro para desespero de Kerlog. Até a candidatura do representante negro, a história se ocupava com as teorias feministas de Miss Evelyn Astor e de suas companheiras contra a dominação dos homens na sociedade americana de 2228. Com a candidatura de Jim Roy, o candidato negro, único até então na história do país, as representantes feministas “desistem” de suas teorias

conspiratórias contra os homens brancos e aliam-se a estes em nome da preservação da supremacia branca no poder.

Esses personagens do futuro, apresentados por Miss Jane, disputaram todo tempo da história o poder da Casa Branca e, assim, debateram questões étnicas, sociais e culturais que atingiam cada grupo. O Partido Masculino, representado por Kerlog, estabeleceu uma disputa ideológica pautada por questões raciais, o que implicou num ponto polêmico. Já o candidato Jim Roy lembrou seus eleitores das humilhações sofridas por seu povo e da importância de um representante negro no mais alto poder do país.

Depois de muito embate entre esses dois representantes do poder na política americana, o grupo de Kerlog, composto de vários ministros experientes, encontrou uma “solução” para o problema que os afligia. Esse grupo de notáveis criou um raio Ômega, uma espécie de produto que provocava o “branqueamento” dos negros, resultando em despigmentação da pele e alisamento dos cabelos. Traídos pela novidade e pelo desejo de identificação com o homem branco, os negros não desconfiaram que por trás dessa revolução da estética houvesse um esquema para deixar todos os negros estéreis e, assim, liquidar com a raça negra naquele país e, conseqüentemente, com os planos de Jim Roy.

Há nesse trecho polêmico do texto, muitas perguntas pertinentes e infundadas em relação ao preconceito que muitos críticos fazem da leitura do texto de Monteiro Lobato, porém, é evidente que, por ter sido um questionador da imitação acrítica dos costumes alheios, a crítica que se faz é do modismo, da sociedade que tudo copia como se estivesse embriagada pelo desejo de querer algo que é comum a todos. É importante destacar um trecho do texto em que a personagem Ayrton questiona e critica:

O desencarapinhamento constituía o ideal da raça negra, mas até ali a ciência lutara em vão contra a fatalidade capilar. Se isso se desse, poderia o caso negro entrar por um caminho imprevisto, a perfeita camouflagem do negro em branco (LOBATO, 2008, p. 121)

A ficção científica de Monteiro Lobato, apresentada nesse pequeno trecho, provocou diversas manifestações na sociedade conservadora do século XX e, ainda hoje, é utilizada para demonstrar o lado polêmico do escritor e relacionar sua obra às teorias eugenistas.

O romance de ficção científica de Lobato, como muitos outros textos do gênero, verifica possibilidades, ou seja, ao criar outra dimensão, o autor cede espaço à imaginação e

põe em jogo os limites entre a razão, loucura, verdade e fantasia. Essas características da obra fantástica são determinantes para a apreciação da obra. Muitos elementos considerados fantásticos podem, na verdade, ser elementos metafóricos concebidos a partir da visão da realidade do autor. Assim, a obra *O presidente negro* sugere possibilidades criadas num mundo paralelo, o da sociedade norte-americana de 2228 que, pelo nível de organização e avanço, continua a impressionar os leitores.

Portanto, a realidade fantasiosa de Monteiro Lobato encontrou sua forma por meio do romance de ficção científica. Essa alternativa de eleger um gênero futurista que, no início do século XX, era totalmente ignorado pelos literatos da época, pode ser considerada como contraproposta de fazer da literatura brasileira representante da identidade nacional. Nesse sentido, Causo (2003), em sua obra *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil, 1875 a 1950*, declara que a situação política e social do país, depois da Independência, era carente de estudos científicos e filosóficos mais avançados fazendo, assim, com que os escritores buscassem no homem e na sociedade da época elementos constitutivos de suas obras, enaltecendo atributos nem sempre verdadeiros com o objetivo de construir uma identidade nacional.

Ainda de acordo com Causo, no início do século XX, a literatura foi muitas vezes utilizada como propaganda de ideias que visavam “melhorar” o homem brasileiro e torná-lo um sujeito urbano e eficiente.

Nesse sentido, na obra *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*, principalmente no capítulo intitulado “Monteiro Lobato e o futuro eugenizado”, Diwan (2002) afirma que:

O choque abrirá fendas para a discussão de questões muito debatidas no início do século XX, tais como a imigração, o progresso dos povos, os avanços da ciência e da tecnologia, da estética e da beleza, assim como da civilização, evidenciando algumas facetas da vida social e política que tinham em vista a domesticação dos corpos, para torná-los mais aptos para o trabalho. (DIWAN, 2002, p. 107)

Assim, Monteiro Lobato, escritor caracterizado como visionário, utilizou-se de sua obra de ficção científica para, mesmo que de forma inversa, criticar a sociedade de seu tempo, e também apresentar as consequências de um mundo homogeneizado e totalitário. A ficção lobatiana antecipou acontecimentos e possibilitou a discussão de temas tão caros para sua

época e para a atual. Dessa forma, propôs aos leitores a visualização de embates raciais, de gênero e, ainda, os benefícios e malefícios de uma sociedade baseada na ciência e na tecnologia.

No romance *O presidente negro*, há inúmeras coincidências “previstas” por meio do porviroscópio. Essa engenhoca que, aliás, era um equipamento que possibilitava às personagens professor Benson e Miss Jane olhar o futuro e os acontecimentos mais importantes, pode ser interpretada como uma construção alegórica chamando-nos à realidade de se planejar o futuro e transformar a sociedade atrasada, que era o Brasil da década de 20 do século passado, em um país desenvolvido. Na verdade, o futuro demonstrado pelo porviroscópio já existia. Monteiro Lobato sempre esteve em contato com as transformações tecnológicas, econômicas, políticas e sociais recorrentes na América. Após a publicação de *O presidente negro*, Lobato viaja para os Estados Unidos a serviço do governo brasileiro e afirma que a América retratada em seu romance estava absolutamente de acordo com o que viu por lá.

No confronto entre direita e esquerda, entre nazismo e comunismo -até mesmo entre nativismo e europeísmo no âmbito do debate interno-, a trajetória de Lobato descrevia uma tangente cujo ponto de fuga era o exemplo da civilização norte-americana, que ele estudou como um Tocqueville caipira ao desempenhar as funções de adido comercial em Nova York entre 1927 e 1931. Em meio aos santos de seu altar (ele era ateu ou agnóstico, aliás), a mesma posição que Nietzsche ocupava no plano das realizações mentais estava reservada a Henry Ford no plano da vida material. O prestígio universal de que a cultura americana desfruta hoje em dia é outra porta de atualização da obra de Lobato. (FRIAS, 2009, p.84)

E ainda sobre sua constatação do progresso norte-americano, o artigo “Um combatente entre nós”²⁸, publicado no jornal Folha de São Paulo de no dia 28 de junho de 1998, revela o tom eufórico de Lobato pelo progresso da América.

Visitou várias cidades, foi a Detroit conhecer Ford, leu tudo o que lhe caiu nas mãos, conversou com empresários e não parou de realçar, nas cartas enviadas ao Brasil, o nosso atraso comparativamente ao progresso norte-americano: "Sinto-me encantando com a América! O país com que sonhava. Eficiência! Galope! Futuro! Ninguém andando de costas!". Desanimado, exclama: "O mundo já na era do rádio, e o Brasil ainda lasca pedra. Ainda é

²⁸ VILLA. Marco Antonio. *Um combatente entre nós*. Folha de São Paulo. 28 jun. 1998. Caderno Mais.

troglodita. O Brasil dorme. Daqui se ouve o seu rressonar. Dorme e é completamente cego".

Nas viagens pelos Estados Unidos interessou-se pela siderurgia. Quando conheceu o processo "spong-iron", concebido por William Smith, escreveu ao seu amigo Rangel que "perto do spong-iron, todos os livros de Camilo e Machado de Assis só valem materialmente pelo papel, e o papel contém carbônio e o carbônio é necessário à reação diante da qual todos devemos nos ajoelhar porque é a mãe da civilização".

A personagem Miss Jane, que era discípula de seu pai, é quem apresenta o futuro ao jovem Ayrton Lobo. Esse antes de conhecer aquela que seria sua musa, levava uma vida infeliz de empregado de um escritório de cobranças, mas tinha planos de mudar e isso começaria a partir do momento que adquirisse um automóvel.

Meu serviço na casa era todo de rua, recebimentos, pagamentos, comissões de toda espécie. De modo que posso dizer que morava na rua, e o mundo para mim não passava de uma rua a dar uma porção de voltas em torno da terra. Ora, na rua eu via a humanidade dividida em duas castas, pedestres e rodantes, como os batizei aos homens comuns e aos que circulavam sobre quatro pneus. O pedestre, casta em que nasci e em que vivi até aos 26 anos, era um ser inquieto, de pouco rendimento, forçado a gastar a sola das botinas, a suar em bicas nos dias quentes, a molhar-se nos dias de chuva e a operar prodígios para não ser amarrotado pelo orgulhoso e impassível rodante, homem superior que não anda, mas desliza veloz. Quantas vezes não parei nas calçadas para gozar o espetáculo do formigamento dos meus irmãos pedestres, a abrirem alas inquietas a Cadillac arrogante que por eles se metia, a reluzir esmaltes e metais! O ronco de porco do klaxon parecia-me dizer – “Arreda canalha!”. (LOBATO, 2008, p. 26)

Nesse exemplo, a personagem Ayrton reflete sobre sua condição de empregado e pedestre e incomoda-se com esta situação que só poderia ser revertida se mudasse de casta.

Sonhei, portanto, mudar de casta e por minha vez levar os pedestres a abrirem-me alas, sob pena de esmagamento. E o novo pecúlio, com tanto esforço acumulado depois do desastre germânico, não visava outra coisa. Foi, pois, com o maior enlevo d'alma que entrei certa manhã numa agência e comprei a máquina que me mudaria a situação social. Um Ford. (LOBATO, 2008, p. 11)

Com a compra do automóvel a personagem Ayrton Lobo passou a pertencer à outra casta. Assim feito, os patrões reconheceriam o verdadeiro valor do funcionário e lhe dariam um aumento salarial. Porém, este veículo que o condicionou a uma vida melhor seria o mesmo que o levaria, de forma trágica, até ao castelo do Dr. Benson e de sua filha Miss Jane. Com uma ordem de serviço por fazer, Ayrton Lobo distanciou-se da cidade e seguiu caminho por uma rua de terra deserta, mas entusiasmado com a velocidade do carro e com a beleza do lugar, distrai-se e cai num penhasco. Da mesma forma que a personagem Alice de Lewis Carroll cai na toca do coelho e se depara com outro mundo e Narizinho Arrebitado que, convidada pelo Príncipe Escamado, explora o Reino das Águas Claras, Ayrton Lobo, ao cair no penhasco, desfalece e acorda no castelo do Dr. Benson, o sábio que o elegeria como confidente, amigo e discípulo.

A partir desse acontecimento, Ayrton Lobo passa a ter contato com um mundo completamente diferente do que estava acostumado. Como confidente do Dr. Benson, o ignorante Ayrton Lobo passa a aprender sobre filosofia, ciência, genética e, principalmente, sobre os mistérios acerca do universo. As ideias do professor passam a contagiar o discípulo que fica entusiasmado com tantas novidades e possibilidades de conhecimento. Nos primeiros contatos de Ayrton Lobo com Dr. Benson, uma referência ao gênero de ficção científica faz-se presente no seguinte trecho:

Eu lera em criança um romance de Julio Verne, *Vinte Mil Léguas Submarinas*, e aquele gabinete misterioso logo me evocou várias gravuras representando os aposentos reservados do capitão Nemo. Lembrei-me também do professor Aronnax e senti-me na sua posição ao ver-se prisioneiro no "Nautilus". (LOBATO, 2008, p. 37)

Dessa forma, elementos da literatura universal perpassam as histórias criadas por Monteiro Lobato e evidenciam a tentativa do escritor de dar cor local a esses elementos. Essa característica do escritor é fruto de sua atividade de tradutor e, também, da preocupação do escritor em estimular o conhecimento de outras histórias e de grandes personagens da literatura universal. Assim, o autor propagandeava obras que seriam de seu interesse particular, proporcionando aos leitores de suas obras infantis e de literatura geral o intercâmbio de referências culturais e de personagens de outras histórias consagradas .

No caso da citação, a admiração de Lobato por autores como Julio Verne e H. G. Wells, considerados pensadores de utopias científicas, inspirou e influenciou a composição de sua obra *O presidente negro*. Essa referência fica demonstrada a partir da comparação do castelo do Dr. Benson com o submarino Nautilus da obra *Vinte mil léguas submarinas* de Julio Verne. E, assim como o Professor Aronnax é recebido pelo comandante Farragut em *Vinte mil léguas submarinas*, Ayrton Lobo recebe as boas vindas de Dr. Benson em seu laboratório travestido de castelo. Ao adentrar o castelo e precisamente a sala do Dr. Benson, Ayrton Lobo relembra a história de Julio Verne e sente-se como professor Aronnax, tripulante de uma embarcação que o levaria a uma viagem rumo a várias descobertas.

Enfatizando um dos pontos da dialética entre o homem sábio e o homem comum, Ayrton Lobo demonstra sua simplicidade e ingenuidade, o que para Dr. Benson era algo evidente:

— O senhor Ayrton, pelo que vejo e adivinho, é um inocente - começou ele. Chamo inocente ao homem comum, de educação mediana e pouco penetrado nos segredos da natureza. Empregado no comércio: quer dizer que não teve estudos.

— Estudos ligeiros, ginasiais apenas, expliquei com modéstia.

— Isso e nada é o mesmo. Eu preferia ter para confidente um sábio ou, melhor, uma organização de sábio, inteligência de escola, das que compreendem. Em regra, o homem é um bípede incompreensivo. Alimenta-se de ideias feitas e desnorteia diante do novo. Mas costumo respeitar as injunções do Acaso. Ele o trouxe ao meu encontro, seja, pois o meu confidente. E saiba senhor Ayrton, que é a primeira criatura humana aqui a entrar desde que conclui a construção deste laboratório. (LOBATO, 2008, p.37)

Nesse diálogo entre Ayrton Lobo e Dr. Benson, evidencia-se o embate entre o sábio e o homem comum e a problemática desse encontro. Porém, o professor aceita a tarefa de instruir esse homem comum com o objetivo de transformá-lo. Essa atitude explicita a “eugenia positiva” de Monteiro Lobato em promover o encontro das desigualdades com o objetivo de estabelecer uma nova ordem. A personagem de Ayrton Lobo sairia deste primeiro encontro transformado e sua vida passaria por muitas mudanças. A possibilidade do conhecimento é o que motiva o ex-empregado burocrático a ficar no castelo do Dr. Benson e receber seus ensinamentos e isso se torna a aurora de sua vida.

Isto aqui, disse ele na primeira sala, são aparelhos eletro-rádio-químicos, na maioria criados ou adaptados por mim e que constituíram o ponto de partida da minha descoberta. Se o amigo Ayrton fosse técnico, eu os explicaria um por um, mas será difícil fazer-me entender por quem não possui uma sólida base de ideias científicas. Resumirei dizendo que neste velho laboratório consumi os trinta anos da minha mocidade em pesquisas pacientíssimas, culminantes na construção daquela antena que o amigo lá vê no alto da torre. (LOBATO, 2008, p. 46)

Assim como a embarcação Nautilus proporcionou ao professor Aronnax uma viagem fantástica, o castelo de Dr. Benson possibilitou a Ayrton Lobo a imersão num mundo até então desconhecido da ciência, tecnologia e da especulação futura. Na ocasião da apresentação a Ayrton Lobo do laboratório e das primeiras aulas sobre ciência, Dr. Benson revela ao seu confidente a poderosa máquina de vasculhar o futuro.

— Meus parabéns! Vejo que o senhor Ayrton é muito mais inteligente do que a princípio supus. Nessa imagem está toda a minha filosofia; $2 + 2$ significa o presente; 4 significa o futuro. Mas, assim que escrevemos o presente $2 + 2$, o futuro 4 já está predeterminado antes que a mão o transforme em presente lançando-o no papel. Aqui, porém, são tão simples os elementos que o cérebro humano, por si mesmo, ao escrever o $2 + 2$, vê imediatamente o futuro 4. Já tudo muda num caso mais complexo, onde em vez de $2 + 2$ tenhamos, por exemplo, a Bastilha, Luis 16, Danton, Robespierre, Marat, o clima de França, o ódio da Inglaterra além Mancha, a herança gaulesa combinada com a herança romana, o bilhão de fatores, em suma, que faziam a França de 89. Embora tudo isso predeterminasse o "quatro" Napoleão, esse futuro não poderia ser previsto por nenhum cérebro em virtude da fraqueza do cérebro humano. Pois bem: eu descobri o meio de predeterminar esse futuro — e vê-lo! (LOBATO, 2008, p. 50)

Esse misto de fato científico e visão do futuro são indícios de elementos do gênero de ficção científica que predominam no enredo de *O presidente negro*. E há, ainda, um alerta da personagem Miss Jane que nos chama atenção “[...] A humanidade não está apta a suportar a revelação do futuro.” (LOBATO, 2008, p. 63)

Miss Jane fez com que Ayrton Lobo se interessasse ainda mais por tais questões pois ela havia aprendido tudo o que seu pai havia descoberto e desenvolvido sobre a ciência de localização futura. A simpatia de Ayrton Lobo por Miss Jane crescia conforme seu interesse pelo conhecimento e pelas ciências. “[...] Em vez de sonhar com o mundo futuro entrevisto na palestra da moça, sonhei no encanto do presente.” (LOBATO, 2008, p. 67) Com isso, Miss

Jane, conduziu Ayrton Lobo rumo aos mistérios do futuro desconhecido por meio do globo de cristal chamado porviroscópio criado por seu pai.

Sendo assim, a relação estabelecida entre o presente de 1926, por meio da personagem Ayrton Lobo, e o futuro de 2228, mostrado por Miss Jane, representa o diálogo entre esses dois tempos tão distantes que revela aos leitores a existência de uma crença no futuro transformado por inovações tecnológicas, porém, perigoso em função dos interesses mesquinhos de poder e dominação social. A ordem moral e civilizadora representada pelos grupos políticos do ano de 2228 serve mais como alerta de um futuro conturbado por disputas ideológicas e raciais do que como inspiração. Por isso, a ficção científica de Monteiro Lobato, representada pelo romance *O presidente negro*, estimula os leitores a perceberem a realidade presente e reavaliar a percepção atual que temos do homem, da sociedade e do mundo em que vivemos.

2.3. O mundo narrado em *O presidente negro*

Os fatos futuros vistos e abordados por Miss Jane, apesar de estarem localizados num país distante e num tempo distante, dizem respeito à realidade pobre e atrasada do Brasil do início do século XX, mais precisamente do ano de 1926. Para Monteiro Lobato, provocar no leitor essas reflexões, tendo em vista o seu papel de publicista, era questão urgente e necessária. O “mundo novo”, observado no futuro de 2228 e apresentado pelo *narrador heterodiegético*, contrapunha-se a todos os ideais representados na história referente ao ano de 1926, cujo *narrador homodiegético* apresenta-se como a personagem Ayrton Lobo. Dessa forma, ocorre uma história dentro de outra história e essa representação formal de embate utópico e distópico de Lobato fica evidente por meio desses dois narradores representando diferentes tempos e situações, ou seja, a realidade brasileira de 1926 por meio de Ayrton Lobo e o futuro da sociedade norte-americana de 2228 colocado em debate por Miss Jane.

O autor Monteiro Lobato ao criar em *O presidente negro* duas sociedades diferentes nos aspectos sociais, econômicos e culturais, provoca nos leitores uma reflexão sobre as possibilidades do enbranquecimento da raça, como metáfora de uma sociedade totalitária, opressiva e discriminatória e, também, evoluções científicas e tecnológicas como resultado de

estudo e trabalho para a melhoria da vida do homem. Tais questões são pertinentes tendo em vista os avanços da ciência conquistados atualmente. Esta visão utópica e, segundo alguns críticos, profética de Lobato é sustentada na obra *Amigos escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel* de Sueli Tomazini Barros Cassol. Principalmente no capítulo intitulado *O semeador de horizontes*, a autora destaca o perfil profético de Lobato demonstrado por meio de sua vida e suas obras. O próprio Lobato, segundo Cassol, se considerava um profeta e em seu estilo empregado nos discursos havia “um tom vociferante dos profetas bíblicos”. Essa atitude de visionário foi inspirada em grandes autores que Lobato leu e traduziu como, por exemplo, Nietzsche.

O autor de *O presidente negro* utilizava trechos do livro do filósofo alemão em cartas destinadas ao amigo Rangel. Em uma dessas cartas, Lobato reproduz o prefácio de *Assim falou Zaratustra* e evidencia sua atitude utopista: “Amo todos aqueles que são como gotas pesadas caindo uma a uma da nuvem sombria: eles anunciam o relâmpago que vem, e sucumbem como visionários”.

Nesse sentido, um trabalho analítico sobre a relação entre Monteiro Lobato e Nietzsche é a dissertação de Mestrado intitulada *Monteiro Lobato, um leitor de Nietzsche* (2000)²⁹, de André Muniz de Moura. O autor analisa as influências do filósofo alemão para a vida e obra de Lobato. Afirma que suas bases foram moldadas a partir das concepções de Nietzsche e que o autor brasileiro demonstrava um misto de respeito e admiração pelo autor alemão. Assim, Moura (2000) conclui que:

Nietzsche estimulou Lobato a refletir filosoficamente. O apreço que o brasileiro tem pelo alemão traduz-se em intensa admiração, e é um sentimento — e o pensamento — de alguém que vislumbrou sua parelha intelectual, com idéias próximas, concepções afins e mundividências aparentadas. Parece-nos que a influência do autor de *Aurora* no criador de *A Reforma da Natureza* ocorre no âmbito da independência. Nietzsche estimularia ideias latentes, como já foi dito por Lobato. A diretriz seria voltar para as suas próprias características. Com a leitura de Nietzsche, Lobato não teria se tornado nietzschiano, mas sim, lobatiano. (MOURA, 2000, p. 23)

Desse modo, com o intuito de preservar sua identidade, as concepções do filósofo alemão serviram de motivação para o autor que, por meio de cartas destinadas ao amigo

²⁹ Dissertação de Mestrado defendida em 2000 pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rangel, insistia para a divulgação do pensamento nietzschiano. Essas relações ficam evidentes por meio de suas obras proféticas, como afirmou CASSOL (2002) fazendo referência ao capítulo de sua obra *O semeador de horizonte* à Nietzsche e Lobato. Ainda nesse mesmo capítulo da obra referida, a autora elenca o que se tornou possível realizar, nos dias de hoje, alguns dos inventos e experimentações imaginados por Lobato em suas obras como, por exemplo, a busca pelo petróleo, o desenvolvimento das redes de comunicação e, até mesmo, as experiências com clonagem.

E sobre o estilo da linguagem empregada por Lobato em *O presidente negro*, Cassol (2002) observa que:

A linguagem profética de Lobato manifesta-se através de imprecizações e de exortações. O estilo profético, que se caracteriza por anunciar, denunciar e exortar, tem como marcas estilísticas o uso do futuro e do imperativo, da hipérbole e da simbologia animal. (CASSOL, 2002, p. 216)

Nesse sentido, para exemplificar o estilo da linguagem profética de Lobato em *O presidente negro*, utilizando os recursos expressivos e tempo verbal futuro, a autora destaca o seguinte trecho do romance cuja referência é o desenvolvimento do rádio-transporte, o que para os dias atuais seria a internet.

[...] o rádio-transporte tornará inútil o corre-corre atual. Em vez de ir todos os dias o empregado para o escritório e voltar pendurado num bonde que desliza sobre barulhentas rodas de aço, fará ele seu serviço em casa e o radiará para o escritório. Em suma: trabalhar-se-á a distância. (CASSOL, 2002, p. 216)

Todas essas realizações fantasiosas de Monteiro Lobato dão conta de um mundo utópico narrado em duas dimensões e que propõe uma reflexão acerca da ambiguidade do pensamento lobatiano, ou seja, o futuro representado pela sociedade norte-americana e o

presente demonstrado no momento da narração. Esse aparente paradoxo entre um mundo real e de outro “mundo pelo avesso” reflete a necessidade do autor de estabelecer um diálogo entre sociedades diferentes e verificar as possibilidades de realização de suas utopias.

No romance *O presidente negro* é verificada, assim como em suas obras destinadas ao público infantil, a criação de espaços narrativos alternativos com o objetivo de compará-los e colocá-los à prova. *O Sítio do Picapau Amarelo* representa, assim como os Estados Unidos da América de 2228, observado por meio do porviroscópio, sociedades fictícias cujos pensamentos utópicos encontram espaço e neles se proliferam. A questão pertinente que se deve fazer é qual desses dois mundos alternativos representa a utopia e distopia de Monteiro Lobato.

O Sítio do Pica Pau Amarelo ilustrado nas histórias infantis de Lobato é a sede da utopia e representa eficientemente as preocupações do autor com uma sociedade baseada no conhecimento como forma de melhoria da vida das pessoas e é nesse espaço onde se contam histórias, realizam experimentos e descobrem novas riquezas como o petróleo.

Já o espaço representado alegoricamente pelos Estados Unidos, demonstraria, assim, uma distopia, ou seja, nesta sociedade futura os fatos narrados de forma exagerada e extrapolada serviriam de advertência para as possíveis concentrações de poder e opressão e aniquilamento dos mais fracos. Por outro lado, a sociedade futura retratada em *O presidente negro* ilustra o desejo de aplicar medidas eugenistas com o objetivo de eliminação do negro, representado simbolicamente no romance por meio da aplicação do raio ômega, com a finalidade estética, com isso o que sobressai é uma ação totalitária e preconceituosa que resulta em polêmicas leituras do romance lobatiano.

Em consonância, a personagem Miss Jane ilustra por meio de sua “viagem” ao futuro, relação reflexiva ao pensamento do presente de 1926 ao explicar à personagem Ayrton Lobo sobre o perigo de apresentar o futuro às pessoas e justifica o receio de Professor Benson:

– Pretende ele, e com muita lógica, que a humanidade não está apta a suportar a revelação do futuro. Acha que a sua invenção cairia no poder de um grupo o qual abusaria da tremenda soma de superioridade que a descoberta lhe concederia. Fosse meu pai um homem vulgar, de pouca sensibilidade de coração, e ele mesmo assumiria o predomínio que receia ver na posse de outrem. Basta dizer que até hoje apenas se utilizou deste invento

para reunir o dinheiro necessário à nossa vida e aos enormes dispêndios dos seus estudos. (LOBATO, 2008, p. 63)

É possível, a partir dessa citação, evidenciar o dilema humano sobre a racionalidade em oposição à sensibilidade. Segundo Miss Jane, seria perigoso apresentar o futuro ao homem, pois este, munido de tal poder, poderia provocar uma disputa e, ainda, sobressair sobre os demais de sua espécie com medidas totalitárias e abusivas de controle. Porém, a própria personagem admite o uso da invenção por ela e seu pai para proveito financeiro próprio, obtendo assim, uma segurança econômica por meio do aparelho com resultados de loterias e aplicações financeiras. Dessa forma, o caráter do ser humano é colocado em debate e a admissão da atitude de Miss Jane e de seu pai revela a potencial utilidade da invenção do Dr. Benson.

Essa atitude de explicação do futuro visto e narrado pela personagem Miss Jane revela sua função no romance de *narrador testemunhal* ou *modalisante*. Essa concepção explicitada na obra *Introdução à análise do romance* (2004), de Reuter, explica a importância do modo de narrar para estabelecer a perspectiva do narrador. De acordo com esta função, Reuter (2004) afirma que:

- A *função testemunhal* ou *modalisante* exprime a relação que o narrador mantém com a história que ele narra. Ela pode estar centrada sobre a comprovação (o narrador exprime seu grau de certeza ou de seu distanciamento com relação à história), sobre a emoção (ele exprime as emoções que a história ou a sua narração suscitam nele), sobre a *avaliação* (ele faz um julgamento das ações e dos atores)” (REUTER, 2004, p. 69)

O mundo narrado e evocado por Miss Jane é organizado no momento da enunciação e dá conta de estabelecer um diálogo com a personagem Ayrton Lobo e essa relação, entre o mundo paralelo do futuro e o “real” do enredo lobatiano, desempenha formalmente o presente e o futuro possível e estabelece, também, a distinção entre o *narrador heterodiegético* e *narrador homodiegético* representada pelo casal de personagens. Isso fica evidente quando

Ayrton Lobo afirma que “em vez de sonhar com o mundo futuro entrevisto na palestra da moça, sonhei no encanto do presente, todo resumido em conjugal convivência com o meigo anjo sábio”. (LOBATO, 2008, p. 47)

Toda a história vista por meio do porviroscópio e contada por Miss Jane ao personagem Ayrton Lobo tinha um propósito prático. Ele deveria transformar essas histórias num romance. Dessa forma, a história do futuro era contada por Miss Jane e Ayrton Lobo transcrevia-o sob a supervisão de sua tutora. Esse processo de criação artística seria uma forma de Ayrton aproximar-se mais de Miss Jane e conquistar sua atenção e admiração. Por isso, tão logo começou a escrever sobre as eleições norte-americanas e sobre todos os fatos trágicos vistos por meio do porviroscópio, Ayrton Lobo levou seus manuscritos para a amada que, num primeiro momento, não gostou do que leu e orientou que rasgasse o que havia escrito e jogasse fora, mas que não desistisse de seus objetivos.

Diante do desânimo de Ayrton, Miss Jane diz:

– Que vaidoso os moços! Lembre-se de meu pai. Quantas vezes fazia e refazia a mesma experiência, com uma paciência de beneditino! Por isso venceu. Lembre-se do esforço incessante de Flaubert para atingir a luminosa clareza que só a sábia simplicidade dá. A ênfase, o empolado, o enfeite, o contorcido, o rebuscamento de expressões, tudo isso nada tem com a arte de escrever, porque é artifício e o artifício é a cuscuta da arte. Puros maneirismos que em nada contribuem para o fim supremo: a clara e fácil expressão da idéia.” (LOBATO, 2008. p. 200)

Ainda tentando convencer a personagem Ayrton Lobo, Miss Jane esclarece: “Estilo o senhor Ayrton só o terá quando perder em absoluto a preocupação de ter estilo. Que é estilo, afinal?” (LOBATO, 2008, p. 200). O embate entre as duas personagens é dirigido de forma a discutir sobre o processo de criação e a refletir sobre a melhor maneira de escrever um romance: escrever sem preocupação com o estilo ou seguindo determinadas regras. Assim, o narrador desempenha mais uma função que é a *função metanarrativa* que segundo Reuter (2004) “consiste em comentar o texto e em assimilar a sua organização interna (é uma função de regência explícita, que frequentemente se presta a fins paródicos)”. (REUTER, 2004, p.69)

2.4. A temporalidade em *O presidente negro*

A temporalidade presente na obra *O presidente negro* é expressa, principalmente, na representação das personagens Ayrton Lobo e Miss Jane. Esta, com sua habilidade de ver eventos futuros, narra uma história dentro da história e apresenta um enredo futurista repleto de acontecimentos que mudarão o rumo da humanidade. Aquele, ouvinte passivo da história de Miss Jane, encanta-se com as possibilidades, mas não questiona sobre os momentos terríveis que a humanidade pode enfrentar no futuro. Assim, as ocorrências são apresentadas e a estrutura do romance é moldada com base nas relações que o autor propõe dialogicamente entre o presente e o futuro do homem. Como exemplo, o trecho abaixo ilustra as reflexões de Miss Jane sobre as mudanças tecnológicas que poderiam ocorrer na sociedade brasileira de 1926:

[...] o que se dará é o seguinte: o rádio-transporte tornará inútil o corre-corre atual. Em vez de ir todos os dias o empregado para o escritório e voltar pendurado num bonde que desliza sobre barulhentas rodas de aço, fará ele o seu serviço em casa e o radiará para o escritório. Em suma: trabalhar-se-á à distância. E acho muito lógica esta evolução. Não são hoje os recados transmitidos instantaneamente pelo telefone? Estenda esse princípio a tudo e verá que imensas possibilidades para vir trazê-lo. O progresso foi grande, mas repare quando à rádio-comunicação se acrescentar o rádio-transporte. Outrora, por exemplo, se o senhor Ayrton quisesse fumar um charuto tinha demandar um criado buscá-lo à charutaria; hoje pede-o pelo telefone, mas o charuteiro ainda é obrigado a mobilizar um carregador para vir trazê-lo. O progresso foi grande, mas repare que atraso ainda! Mobilizar um homem, isto é, uma massa de 60 ou 70 quilos de carne, fazê-lo dar mil ou cinco mil passos, gastando vinte ou trinta minutos da sua vida, só para transportar um simples charuto! Chega a ser grotesco...

- Realmente. Mas no futuro?

- No futuro o senhor Ayrton *fumará a distância*. Veja quanta economia de tempo e esforço humano! (LOBATO, p. 46, 2008)

A partir dessa citação, retirada do capítulo VIII, denominado “Futuro e presente”, é possível perceber a utilização das *categorias temporais* como indicadores de referência aos tempos reais. Com o nome do capítulo, “Futuro e presente”, o autor propõe estabelecer relações entre esses dois tempos e essa intersecção revela o real e o ideal para a sociedade em que as personagens estão inseridas. O tempo representado na indagação de Miss Jane: “Não são hoje os recados transmitidos instantaneamente pelo telefone?”, revela a situação da sociedade carioca de 1926 que já contava com o aparelho telefônico desde 1877, data da instalação da primeira linha telefônica do país. Nesse caso, a reflexão sobre o “hoje” corresponde a uma situação direta com a nossa sociedade e o questionamento sobre o futuro,

por meio da visão no porviroscópio, incita Miss Jane a refletir com Ayrton Lobo sobre o progresso da telefonia, avanço até então alcançado pelo homem, mas que era insuficiente, tendo em vista o que ainda teria de evoluir exemplificado com o rádio-transporte. Essa visão otimista da tecnologia é tema recorrente nas obras de Lobato e reafirma sua posição ideológica em relação à cultura e à arte.

No romance *O presidente negro*, o tempo predominante utilizado para o desenvolvimento da narrativa é o cronológico ou histórico que corresponde à marcação das horas, minutos e segundos, no relógio, de acordo com o tempo físico ou natural, disposto em dias, semanas, meses, anos, estações ou ciclos lunares. Essa relação é importante para salientar a dialética temporal impetrada por meio das realidades observadas no presente de Ayrton Lobo e no futuro de Miss Jane. O professor Benson faz questão de observar o local e momento exatos da presença da personagem Ayrton Lobo no espaço temporal o que evidencia *o modo de construção do tempo*. Nesse sentido, o trecho abaixo ilustra a linearidade no romance *O presidente negro*:

- Deixe Aristóteles em paz. Estamos na determinação universal, e a vida, ou o universo, é para nós o momento consciente desta determinação.
- “Momento consciente”... repeti forçando o cérebro.
- O senhor Ayrton, por exemplo, é um momento consciente da determinação universal às 13 horas e 14 minutos do dia 3 de janeiro do ano de 1926, aos 22.º e 35’ de latitude S. e 35.º e 3’ de longitude ocidental do meridiano do Rio de Janeiro. (LOBATO, 2008, p. 49)

É possível depreender o objetivo do diálogo como uma reflexão sobre o homem e o seu tempo, tendo em vista a apresentação de um futuro utópico, apresentado como a sociedade norte-americana de 2228, e que serve para a organização textual propondo a reflexão sobre os dois diferentes tempos. Assim, sobre essa questão e a relação com as personagens Massaud Moisés (2008) afirma que:

Quanto ao romance linear, observa-se que nele se processa uma relativa identidade entre o tempo cronológico e as personagens. Quando não, tem-se a impressão de que agora um e outras estão situados no mesmo plano, de forma que o tempo começa a funcionar como um dos vários acidentes que compõem a “circunstância” das personagens. Decerto, o tempo ainda está longe de interiorizar-se, mas percebe-se que já adere às personagens, em vez

de marginalizar-se, como na novela. E, de acordo com a densidade dramática, o romancista pode lançar mão do processo de insinuar o fluxo do tempo pelo simples enumerar das ações. (MOISES, 2008, p. 134)

Ainda sobre a construção do tempo numa narrativa, Reuter (2007) conclui que:

As indicações do tempo contribuem, em primeiro lugar, para *fazer a fixação realista ou não realista* da história. Quanto mais precisas elas forem, em harmonia com aquelas que regem nosso universo, mais remeterão a um saber que funciona fora do romance e mais participarão, com outros procedimentos, da construção do efeito do real. (REUTER, 2007, p. 56)

Essa possibilidade de construção do efeito do real é obtida a partir de vários elementos que indicam proximidade com a realidade como, por exemplo, a crítica sobre a sociedade atrasada em relação aos meios tecnológicos da sociedade carioca de 1926, a observação sobre o trânsito caótico e a idealização de um futuro cujos pedestres poderão caminhar por prazer pelas ruas sem a preocupação de serem atropelados. Sobre a visão futura da cidade de New York, Miss Jane afirma:

- Tudo isso desaparecerá, e adquirirão as cidades uma calma deliciosa, como hoje a de certas aldeias. Vi New York nesse período. Que diferença do atropelado e doido formigueiro de agora!

- Deve Miss Jane ter observado coisas maravilhosas! (LOBATO, 2008, p. 66)

Essa recorrência de presente e futuro retomada pelo discurso das personagens colabora para a confluência de ideias, pensamentos e ações que juntamente constroem o momento da narração. O passado representado no discurso da personagem Ayrton Lobo revela referência ao tempo real, a sociedade carioca de 1926, evidenciando a posição do narrador em contar os fatos ocorridos num passado anterior e aparentemente escritos no momento da ação.

O professor Benson reapareceu nesse momento e a conversa tomou outro rumo. Eu me achava na situação de um homem que ingerisse um estupefaciente desconhecido. Estava com a minha capacidade de assimilação

de ideias esgotada e já com uma ponta de dor de cabeça a dar sinal de que o cérebro exigia repouso. Sem que eu o dissesse, o velho sábio, mais sua filha, compreenderam-me perfeitamente e dali até o jantar só me falaram de coisas repousantes. (LOBATO, 2008, p.66)

Por outro lado, mas seguindo o mesmo padrão narrativo, está a construção dos fatos narrados observados no futuro através da máquina porviroscópio. Apesar de se tratar de assuntos distantes ao tempo presente da enunciação, Miss Jane conta sobre os acontecimentos futuros em relação ao tempo dela e de Ayrton Lobo, como se isso estivesse ocorrido no passado.

- Esse choque, disse Miss Jane, deu-se no ano 2228 e assumiu tão empolgantes aspectos que reduzido a livro dá uma perfeita novela. Não sei se o senhor Ayrton é literato [...] (LOBATO, 2008, p. 52)

Assim, os narradores do romance, ao criarem o tempo presente da enunciação em consonância com o futuro apresentado por Miss Jane, propõem ampliar o espaço de discussão e análise da sociedade, ou mais precisamente do homem que, independentemente de sua localização, está sujeito aos conflitos sociais, psicológicos e de outras naturezas. Essa transcendência do homem é o principal objetivo de uma obra que pretende tornar-se relevante em diferentes épocas. O homem retratado e inserido nos diferentes espaços e épocas do romance *O presidente negro*, corresponde ao homem moderno que busca melhorias através de novas tecnologias e inovações, mas que está mergulhado em problemas relacionais, em conflitos psicológicos que afetam a cooperação e solidariedade. No romance analisado de Monteiro Lobato, verifica-se que esta condição humana perpassa pelas várias épocas, representada de forma direta, como o homem brasileiro do ano de 1926, ou do homem possível norte-americano de 2228, mas o que importa é notar como o autor propôs a reflexão sobre o Homem que necessita lidar com a iminência de controle das tecnologias e o poder a ele atribuído. Com isso, vimos que o homem pode propiciar situações de melhoria nas condições de todos, mas, também, provocar a opressão e imposição de normas e valores daqueles que exercem o poder.

2.5. A representação feminina em *O presidente negro*

As obras destinadas ao público infantil e adulto de Monteiro Lobato demonstram similaridades em suas estruturas e em suas temáticas. Exemplo disto, como já foi dito, são as personagens Emília e Miss Jane cada uma expressando pontos polêmicos de forma autônoma. Nas histórias destinadas aos leitores infantis, Emília, a boneca criada por tia Anastácia, questiona as normas sociais estabelecidas, provoca ao questionar os adultos e ao impor sua opinião de maneira abrupta, demonstrando, assim, sua atitude autônoma, pois não aceita ser submetida a nenhuma ordem. Já a personagem Miss Jane reflete sobre a pobreza intelectual da humanidade e vislumbra um futuro utópico onde todas as pessoas possam usufruir dos avanços tecnológicos e científicos.

A personagem Emília é a grande criação ficcional de Lobato que com sua vivacidade e originalidade é capaz de surpreender pelas atitudes ríspidas, mas ao mesmo tempo engraçadas. Considerada uma personagem feminina marcante na literatura brasileira e que rompe todos os paradigmas ficcionais, a personagem que não tem freios na língua e nas atitudes demonstra ser, também, um alter-ego do próprio autor. Nas histórias, gera conflitos com Dona Benta, tia Nastácia, Narizinho e outras personagens devido à maneira ácida, direta e eficaz de provocar e tentar restabelecer o sentido das palavras, das ideias e do mundo. Emília é a porta-voz dos insultos direcionados à tia Nastácia.

A personagem da literatura adulta de Lobato apresenta tantas qualidades quanto Emília e, por isso, Miss Jane, a contadora de histórias observadas na máquina do tempo demonstra sua autonomia adquirida pelos ensinamentos científicos transmitidos por seu pai, o professor Benson. Dessa forma, representando a figura do progresso e desenvolvimento que o conhecimento pode proporcionar, Miss Jane olha para o futuro e para os acontecimentos mais importantes e reflete sobre o destino do homem e da sociedade. Miss Jane seduz a personagem Ayrton Lobo com sua beleza e inteligência e, com isso, o desequilibra fazendo-o mudar seus propósitos.

Saí daquele almoço com as ideias mais desnorteadas do que nunca. Um elemento novo contribuía para isso; Miss Jane, criatura singularmente perturbadora, pois, além de agir sobre meus fracos nervos como todas as moças bonitas, ainda me tonteava com a sua mentalidade de sábio. De tudo quanto a jovem disse só me ficou claro no espírito a história dos passarinhos do pomar. Até ali pareceu-me uma criatura tal as outras, mas depois do “corte anatômico” tudo se complicou e passei a vê-la qual um misterioso ídolo de divindade dupla, misto de Afrodite e Minerva. (LOBATO, 2008, p. 46)

Assim, ao sugerir as figuras de Afrodite, a deusa grega da beleza, da paixão sexual, do amor, da fecundidade e do casamento que, na mitologia romana, é conhecida como Vênus e, também, a figura de Minerva, que representa a deusa da sabedoria, das artes e da guerra que era filha de Júpiter e equivalente romana da deusa grega Atena, Ayrton Lobo sintetiza o poder de sua Miss Jane e justifica o seu fascínio.

Miss Jane, então, passaria a representar para Ayrton Lobo uma espécie de guia intelectual, explicando o funcionamento do porviroscópio, relatando acontecimentos futuros e suas implicações históricas e geo-políticas, e ainda, incentivando-o a escrever um romance, sendo a sua orientadora e leitora crítica. No romance *O presidente negro* de Monteiro Lobato, inspirado numa sociedade utópica com base na eficiência e dinamicidade que faz propaganda de um sistema de trabalho norte-americano, quem ostenta a bandeira do progresso representado pelo conhecimento filosófico e científico é uma mulher.

...a grande obra de arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores.(ROSENFELD, 2005. pg. 45)

Diante do exposto, convém refletirmos sobre os perfis femininos nas obras de Lobato, principalmente em *O presidente negro*, com Miss Jane, pois esta representação evidencia o estilo e demonstra a modernidade do autor em atribuir responsabilidade às mulheres num tempo em que as mesmas usufruíam de poucos direitos, tendo em vista o contexto europeu e norte-americano das primeiras décadas do século XX, cujo movimento feminista clamava pelo direito ao voto, a superioridade representada por Miss Jane ainda hoje representa uma utopia.

Considerando que, de qualquer maneira, as formas existem antecipadamente ao conteúdo, as personagens femininas de Lobato extrapolam os arquétipos convencionais da figura feminina e passam a ser elementos importantes para uma sociedade que se quer igualitária e liberal. Assim, é importante refletir sobre os motivos de Monteiro Lobato ao fazer de suas personagens femininas representantes diretas de suas ideias como uma espécie de alter ego. A representação feminina em Lobato sugere uma organização distinta da

sociedade, pois essas personagens demonstram suas transgressões aos padrões impostos e à normalidade, gerando assim as polêmicas em busca da autonomia.

Em todas as épocas as mulheres dotadas de beleza sempre dominaram, atrás dos tronos como favoritas, na sociedade como cortesãs, no lar como boas deusas humanas, mas sempre por intermédio do homem – o déspota, o amante, o marido, detentores em sua qualidade de machos de todas as prerrogativas sociais. No futuro a dominação da beleza feminina não se fará mais por intermédio do macho. Era da Harmonia, a beleza se tornará uma força pura, como pura expressão que é da harmonia. Nesse ano de 2228 já a mulher vencera o seu estágio de inferioridade política e cultural, conseqüência menos de uma pretensa inferioridade do cérebro, como dizia Miss Elvin... (LOBATO, 2008, p. 106)

Outra personagem feminina de destaque em *O presidente negro* é Miss Evelyn Astor, do Partido Feminino. Miss Evelyn disputa a eleição na sociedade norte-americana do ano futuro de 2228, representando a categoria e incitando o rompimento com o “Partido Masculino”, para isso, conclama suas seguidoras a tomar novas atitudes diante da sociedade dominada por homens.

(...) gosta de política, senhor Ayrton?

- Nem eleitor sou, Miss Jane.

- E de política feminina?

- Essa desconheço. Suponho, entretanto, que há de ser mais felina que a dos homens. (LOBATO, 2008, p. 103)

E sobre a possível vitória do Partido Feminino:

Miss Astor era elvinista e, pois, a sua candidatura à presidência inquietava de modo duplo o Partido Masculino. Sua vitória coroaria o movimento feminino com a única sanção que lhe faltava, a do poder; seria, senão o crepúsculo do domínio dos homens (já de bases corroídas pelas vitórias parciais da mulher), pelo menos uma humilhante diminuição. (LOBATO, 2008, p. 109)

Portanto, a representação da mulher em *O presidente negro* está estruturalmente ordenado de forma a nos fazer refletir sobre o verdadeiro papel da mulher na sociedade do início do século XX e nos dias de hoje. Por essa perspectiva, é importante concluir que a obra

de Lobato é capaz de mobilizar a sociedade acerca das suas intenções literárias, políticas e sociais e, compreender, qual é o papel da mulher para Monteiro Lobato numa sociedade avançada culturalmente e tecnologicamente.

Capítulo III

O modo de narrar em *O presidente negro*

3.1 A estrutura narrativa – Ayrton Lobo – A voz do presente

A estrutura narrativa de *O presidente negro* apresenta-se de forma a estabelecer as relações de significação, que o autor pretende apresentar, considerando a sobreposição de tempos e visões de mundo que quer expressar.

Segundo Antonio Candido (1986):

(...) a função histórica ou social de uma obra depende da sua estrutura literária. E que esta repousa sobre a organização formal de certas representações mentais, condicionadas pela sociedade em que a obra foi escrita. Devemos levar em conta, pois, um nível de realidade e um nível de elaboração da realidade; e também a diferença de perspectiva dos contemporâneos da obra, inclusive o próprio autor, e a da posteridade que ela suscita, determinando variações históricas de função numa estrutura que permanece esteticamente invariável. Em face da ordem formal que o autor estabeleceu para a sua matéria, as circunstâncias vão propiciando maneiras diferentes de interpretar, que constituem o destino da obra no tempo. (CANDIDO, 1986, p. 169)

Dessa forma, é importante constatar a temporalidade da obra e verificar o seu grau de relação com a realidade a partir da sua organização formal. *O presidente negro*, um romance

de ficção científica concebido no início do século XX, estabelece um peculiar jogo de vozes que demonstram, na materialidade do texto, uma tensão, expressa pelos narradores Ayrton Lobo e Miss Jane, cada um representando um aspecto social diferente e um nível de realidade também diferente.

Essa representação expressa pelos narradores, alinhada ao projeto de Monteiro Lobato de modernização do país, estabelece na estrutura da narrativa um diálogo entre dois tempos concretizado a partir do nível de posicionamento do narrador Ayrton Lobo no presente de 1926.

O narrador da história ambientada na sociedade carioca do início do século XX é a personagem Ayrton Lobo. Esse narrador *homodiegético* compartilha suas experiências vividas na história como personagem e também se estabelece como narrador *extradiegético* pois está num nível anterior ao narrador *intradiegético*, representado por Miss Jane.

Segundo o *Dicionário de teoria da narrativa* (2002) de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes:

A expressão *nível extradiegético* refere-se, no quadro da narratologia genettiana, a um aspecto particular do domínio da voz, ou seja, às circunstâncias que condicionam a enunciação narrativa e às entidades que nela intervêm, compreendendo-se nessa intervenção a instituição do *nível narrativo* em que se situa o narrador. (REIS, 2002, p.125)

Considerando o exposto, compreende-se por nível narrativo a perspectiva adotada por quem conta a história. No caso de Ayrton Lobo, sua posição é primordial e “sustentará” dentro da sua história o desenvolvimento de outra. As circunstâncias que condicionam o domínio da voz de Ayrton Lobo, narrador *homodiegético* e *extradiegético*, são os elementos referentes ao presente do ano de 1926 e seu papel de testemunha em relação aos eventos narrados pela Miss Jane.

Para ilustrar o narrador – personagem Ayrton Lobo:

Achava-me um dia diante dos guichês do London Bank à espera de que o pagador gritasse a minha chapa, quando vi a cochilar num banco ao fundo certo corretor de negócios meu conhecido. Fui-me a ele, alegre da oportunidade de iludir o fastio da espera com uns dedos de prosa amiga.

- Esperando sua horinha, hein? Disse-lhe com um tapa amigável no ombro, enquanto me sentava ao seu lado.

- É verdade. Espero pacientemente que me cantem o número, e enquanto espero filosofo sobre os males que traz à vida a desonestidade dos homens.

-? (LOBATO, 2008, p. 23)

Essa relação dos níveis de narradores no romance científico de Monteiro Lobato sustenta a finalidade do autor em fazer da personagem Ayrton Lobo um narrador-personagem que ao mesmo tempo em que participa da ação, mostra-se distante em relação aos acontecimentos do futuro.

Não pude deixar de estremecer diante das revelações de Miss Jane sobre o futuro do meu país.

- Que tristeza, Miss Jane! – exclamei compungido. – Pois vai dar-se isso então?

- Não vejo motivos para a sua tristeza – respondeu ela. – Acho até que a divisão do país constitui uma solução ótima, a melhor possível, dado o erro inicial da mistura das raças. A parte quente ficou a sofrer o erro e suas conseqüências; mas a parte temperada salvou-se e pôde seguir o caminho certo. A sua tristeza em da ilusão territorial. Mas reflita que a muita terra não é que faz a grandeza de um povo e sim a qualidade dos seus habitantes. O Brasil temperado, além disso, continuou a ser um dos grandes países do mundo em território, visto como fundia no mesmo bloco a Argentina, o Uruguai e o Paraguai.

Enchi-me de orgulho patriótico e sem querer levantei-me da cadeira com um hurra entalado na garganta.

- Vencemos a Argentina, então? Conquistamos todo o Prata? (LOBATO, 2008, p. 100)

Nesse sentido, uma crítica que se faz da obra de Monteiro Lobato é verificada no ensaio “Race and Politics in Two Brazilian Utopias” (1982), mencionado na obra *Ficção Científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950* (2003). Nesse ensaio a escritora norte-americana Daphne Patai afirma que “*O choque das raças* é em alguns aspectos um romance fraco [de] enredos insubstanciais e personagens pobremente desenhados, que são pouco mais que microfones para certas ideias”. (CAUSO, 2003, p. 138) Além disso, o único interesse que pode despertar sobre o livro, segundo a autora, está na capacidade do autor brasileiro em criar um enredo utópico relacionando com o contexto histórico – cultural brasileiro da época do início do século XX.

Em conformidade com a crítica exposta acima, CAUSO (2003) justifica os papéis desempenhados pelas personagens lobatianas como porta-vozes de suas ideias pelo tom racial empregado no enredo e, além disso, afirma que o Brasil no período do lançamento do romance de ficção científica de Lobato era um importador de ideias, de conceitos e preconceitos. E, assim, como as personagens do romance adulto de Lobato, a sociedade brasileira era espectadora e não agente do processo. Nesse sentido afirma CAUSO (2003) que:

(...) a fraca exploração da ciência e tecnologia, em comparação com o *scientific romance* inglês, francês (verniano) e norte – americano, a ausência da aventura, outro componente fundamental do gênero (*romance*, em inglês, é traduzido como romanesco, aventureso, extraordinário), é respondida pela imobilidade social própria do mesmo aspecto colonial que determinou a ausência de instituições e do pensamento científico no Brasil. Imobilidade social e a ausência de perspectivas imediatas de mudança, mudança em geral promovida pela consciência do avanço científico e técnico. (CAUSO, 2003, p. 143)

Em relação ao contexto histórico e social desse período, CAUSO (2003) conclui sobre a imobilidade da intelectualidade brasileira que:

O Brasil do século XIX e início do XX era uma nação espectadora, e não agente, nesse processo. E aventura pressupõe ação, a presença de agentes que se posicionam na linha de frente (às vezes como realizadores, outras como repressores) da mudança. Nesse sentido, o elemento romanesco de Wells foi bem menos incorporado que os elementos discursivos, retóricos. Não há Viajante do Tempo, mas *espectadores*, nos primeiros *scientific romances* brasileiros. Simultaneamente, a ênfase em aspectos sentimentos sobre os aventurecos estava em concordância com os gostos da época, estabelecidos pelo romance-folhetim, e que certamente se encontravam mais próximos da imobilidade da burguesia brasileira de então. (CAUSO, 2003, p. 145)

Para Monteiro Lobato, sua literatura deveria estar condicionada à praticidade das coisas. Nesse sentido, FRIAS (2009) afirma:

O impasse contido nesse diagrama, que enclausurava Lobato numa zona morta a meio caminho entre vida literária e vida prática, forçando-o a uma atividade tão incessante quanto aparentemente estéril, encontrou seu ponto de fuga na literatura para crianças. Já se observou à saciedade que essa literatura serviu simultaneamente, a Lobato, como desaguadouro de ressentimentos e suave vingança, implantada na mentalidade das gerações futuras, sobre seus adversários e detratores. O que não foi suficientemente ressaltado é que a literatura para crianças, ao contrário do que parece, está mais próxima da vida prática - dados o seu conteúdo inevitavelmente formativo e suas finalidades não-literárias - do que a literatura para adultos; que ela também se encontra suspensa num ponto intermediário entre ação e representação, entre atitude moral e obra de arte. (FRIAS, 2009, p. 77)

Desse modo, o que importa realçar é o engenho de Lobato em criar representações por meio de seu romance de ficção científica com o objetivo de elaborar um modelo possível de sociedade ou talvez apresentar e alertar-nos para o horror de uma sociedade cientificamente equilibrada aos moldes de uma visão totalitária e esteticamente branca.

3.2. A estrutura narrativa – Miss Jane – A voz do futuro

Do mesmo modo que Ayrton Lobo está representado estruturalmente no romance de ficção científica de Lobato como uma voz referente aos acontecimentos do ano de 1926 do início do século XX, a personagem contrastante e que trás os acontecimentos do futuro é a loura, inteligente e científica Miss Jane.

Num processo de intercalação dos diálogos, onde cada narrador-personagem constitui sua história com universos próprios, Miss Jane, na composição estrutural da narrativa integra uma história que está situada num plano consequente ao do apresentado por Ayrton Lobo. Nesse aspecto o *Dicionário de teoria da narrativa* (2002) de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes esclarece que:

A expressão *nível intradieético* (ou *dieético*) refere-se à localização das entidades (personagens, ações, espaços) que integram uma *história* e que, como tal, constituem universo próprio. No que à distinção de *níveis narrativos* diz respeito, as entidades do *nível intradieético* são as que se colocam no plano imediatamente seguinte ao *nível extradieético*... (REIS, 2002, p.130)

Nesse caso, Miss Jane com a máquina porviroscópio, fabricada por seu pai, alegoricamente estabelecem uma relação com o futuro e instauram aquilo que foi exposto acima que é a constituição de outro plano narrativo localizado dentro do presente construído a partir da história de Ayrton Lobo.

- Realmente é isso. Esse aparelho fornece-nos tamanhas maravilhas que a bem dizer vivemos muito mais no porvir do que no presente. Meu gosto é realizar estudos dos anos mais remotos, e só lamento não ter um cérebro imenso qual o oceano para reter tudo o que vejo. Outra coisa que lamento é não podermos dar a público a nossa invenção. A bondade de meu pai o impede. (LOBATO, 2008, p. 63)

Verifica-se, então, os elementos constituintes da narrativa que faz da personagem Miss Jane um narrador dentro da história.

- Tudo isso desaparecerá, e adquirirão as cidades uma calma deliciosa, como hoje a de certas aldeias. Vi Nova York nesse período. Que diferença do atropelado e doido formigueiro de agora!

- Deve Miss Jane ter observado coisas maravilhosas!...

- Menos maravilhosas do que desnorteantes para as nossas ideias atuais. As invenções vão sobrevivendo no decurso do tempo, umas saídas das outras, e as coisas tomam às vezes rumo muito diverso do que a lógica, com ponto de partida no estado atual, nos faria prever. (LOBATO, 2008, p. 66)

Outro importante aspecto a se considerar na análise dos níveis de narração é a instauração do processo narrativo segmentado representado pelos diálogos entre Miss Jane e Ayrton Lobo, cujos diálogos intercalam-se num jogo de ideias, impressões e características de cada mundo representado. Como está exposto na citação, os elementos narrativos de Miss Jane apresentam-se em outro plano. Apesar de Miss Jane utilizar os verbos no passado, refere-se a eventos ocorridos no futuro de 2228.

Assim, convém destacar o que REIS (2002), baseado nas teorias das concepções narrativas de Genette, conclui:

Entende-se por *narração intercalada* aquele ato narrativo (ou conjunto de atos narrativos) que, não aguardando a conclusão da história, resulta da fragmentação da *narração* em várias etapas interpostas ao longo da história; em tais momentos intercalares de enunciação são produzidos por assim dizer microrrelatos, de cuja concatenação se depreende a narrativa na sua totalidade orgânica. De certo modo, pode-se afirmar que a *narração intercalada* sustenta algumas afinidades com a *narração ulterior*: tal como esta (e diferentemente da *narração anterior* e da *narração simultânea*), também a *narração intercalada* tem lugar depois de ocorridos os fatos que relata, fazendo-o, no entanto, de forma entrecortada e por etapas, como ficou dito. (REIS, 2002, p. 114)

Desse modo, à luz das teorias da narrativa, é possível concluir que o processo narrativo instaurado em *O presidente negro* é o da *narração intercalada*, cujas personagens, que presenciam e vivenciam os fatos de acordo com suas épocas, demonstram por meio de testemunhos suas concepções a respeito da sociedade e do tempo em que estão inseridos.

Esta relação organizada a partir dos níveis discursivos estabelecidos pelas personagens fica evidente no trecho abaixo, cujo personagem Ayrton Lobo reflete sobre os acontecimentos em que se envolveu e com as histórias contadas por Miss Jane.

Dormi por fim e, em vez de sonhar com o mundo futuro entrevisto na palestra da moça, sonhei no encanto do presente, todo resumido em conjugal convivência com o meigo anjo sábio. (LOBATO, 2008, p. 67)

A palestra da moça, descrita acima, é a apresentação do futuro da sociedade norte-americana, principalmente, os eventos mais polêmicos e importantes ocorridos no ano de 2228. Assim, a personagem que está no nível *extradiegético*, Ayrton Lobo, reflete sobre a outra história apresentada pela narradora *intradiegética*.

3.3. A fabulosa sociedade norte – americana de 2228.

A partir da relação estabelecida entre os narradores – personagens Ayrton Lobo e Miss Jane, cada um representando um nível de voz da narrativa – presente e futuro, tem-se o terceiro nível da narrativa denominado *hipodiegético*.

Nesse nível, encontram-se os elementos da sociedade norte-americana de 2228 como Miss Evelyn Astor, Presidente Kerlog, o candidato do partido negro, Jim Roy, Miss Alvin e,

também, os outros elementos como o espaço representado pelos Estados Unidos da América e a Casa Branca e, também, todas as ações decorrentes das relações desses elementos.

Na era em que tomamos este corte anatômico do futuro, ano 2228, as estatísticas apresentavam dados alarmantes. Negros, 108 milhões; brancos, 206 milhões. E como o coeficiente da natalidade negra acusasse uma nova subida, o instinto de conservação dos brancos eriçou-se nos primeiros arrepios da legítima defesa. Dos muitos alvitre propostos para de uma vez por todas arrancar a América do seu beco sem saída predominavam duas correntes de ideias contrárias, conhecidas por “solução branca” e “solução negra”. A solução branca...(LOBATO, 2008, p.99)

Como vimos, a personagem Miss Jane narra como observadora os fatos ocorridos em 2228 e, com isso, apresenta-nos as personagens dessa história que caracteriza o nível hipodiegético.

Assim, a partir da concepção de REIS (2002), convém esclarecer que:

Nível hipodiegético é aquele que é constituído pela enunciação de um relato a partir do *nível intradiegético*: uma personagem da história, por qualquer razão específica e condicionada por determinadas circunstâncias, é solicitada ou incumbida de contar outra história, que assim aparece embutida na primeira. (REIS, 2002, p. 128)

Assim, conforme a citação, Miss Jane é a personagem do nível intradiegético que é incumbida de contar uma outra história, a da sociedade norte – americana prevista no porviroscópio. Nessa função de narrar e relatar os fatos do futuro, tem-se o nível hipodiegético representado pelos personagens, ações e espaços autônomos em relação à primeira história, no caso, a narrada por Ayrton Lobo.

Dessa forma, apresentados os níveis narrativos *extradiegético*, *intradiegético* e *hipodiegético* o importante é relacioná-los aos aspectos estruturais da obra e à intencionalidade temática, ou seja, demonstrar qual dos três níveis sobressai e qual é mais importante para aquilo que deseja o autor.

No caso do nível *extradiegético*, como já foi dito, temos a representação do presente por meio de Ayrton Lobo e a realidade da sociedade carioca de 1926. Nesse nível da narrativa, são demonstradas as condições sociais, econômicas e científicas do Brasil do início

do século XX que, por meio de suas personagens, ilustra um descontentamento em virtude da realidade. A personagem Ayrton Lobo, ao deparar com o Professor Benson e Miss Jane estabelece uma relação fundamental para a o desenvolvimento do outro nível, nesse caso, o *intradiegético*.

Nesse nível narrativo, a narradora da outra história, Miss Jane, torna-se porta-voz das visões obtidas no aparelho porviroscópio e instaura o encontro entre duas sociedades distintas, separadas por muitos anos de distância, mas que resultará em elementos de análise para os dois tempos representados.

Ao fazer esta análise, é possível concluir que o nível narrativo instaurado por Miss Jane estabelece uma relação de superioridade em relação ao nível narrativo de Ayrton Lobo, ou seja, na articulação entre os níveis narrativos expressos na ficção científica de Monteiro Lobato a história narrada por Miss Jane do futuro de 2228 da sociedade norte – americana, sobressai pelo seu grau de polêmica, novidade e surpresa apresentados por meio dos elementos *hipodiegéticos*.

Dessa forma, a intencionalidade do autor em provocar uma discussão social, econômica e, principalmente, racial é efetivada pela confluência destes três níveis representados no romance de ficção científica.

3.4. O beijo de Barrymore – A construção do romance

O desafio lançado à Ayrton Lobo por Miss Jane foi o de registrar os fatos narrados por ela observados no porviroscópio e depois organizar em forma de romance. A desafiante Miss Jane incita seu apaixonado a lançar-se no mundo das artes, desafiando suas capacidades. Para isso, a narradora dos acontecimentos do futuro, instrui seu aprendiz a como proceder com os “materiais” recolhidos no aparelho porviroscópio. Assim, Ayrton Lobo entusiasma-se com a ideia de poder escrever uma obra em que retratará o futuro da humanidade.

- Esse choque – disse Miss Jane – deu-se no ano 2228 e assumiu tão empolgantes aspectos que reduzido a livro dá uma perfeita novela. Não sei se o senhor Ayrton é literato...

- Já fiz um soneto na idade em que todos desovam sonetos...

- Pois se não é poderá tornar-se. O principal para uma novela é ter o que dizer, estar senhor de um tema na verdade interessante. Ora, eu fornecerei os

dados dessa novela e o senhor Ayrton terá oportunidade ótima para apresentar-se ao mundo das letras com um livro que a crítica julgará ficção, embora não passe da simples verdade futura.

A ideia sorriu-me, e todo me lisonjeei com a opinião que Miss Jane fazia das minhas capacidades artísticas.

- Quer tentar? – insistiu ela. – Contar-lhe-ei com a máxima fidelidade o que vai passar-se. De posse desse material, e depois de pessoalmente fazer vários cortes que o ajudem a formar ideia justa do ambiente futuro, atirar-se-á à tarefa. Desde já asseguro uma coisa: sairá novela única no gênero. Ninguém lhe dará nenhuma importância no momento, julgando-a pura obra de imaginação fantasista. Mas um dia a humanidade se assanhará diante das previsões do escritor, e os cientistas quebrarão a cabeça no estudo de um caso, único no mundo, de profecia integral e rigorosa até nos mínimos detalhes.

- Realmente! – exclamei. – Será romance como os de Wells, porém verdadeiro, o que lhe requintará o sabor. Quanta novidade! (LOBATO, 2008, p.73)

No trecho citado, Miss Jane estabelece as normas para os procedimentos que irão permear o trabalho de composição da ficção. A partir do acordo estabelecido entre ela e Ayrton, o produto deverá ser a escrita de um livro que, segundo Miss Jane, “sairá novela única no gênero”. Assim, a inteligente e educada moça do castelo de Friburgo decide preencher o vazio deixado por seu pai com a escrita de um livro juntamente com Ayrton Lobo.

A perfeita novela é o enredo futurista que Miss Jane contará a Ayrton Lobo. A perfeição, segundo ela, está relacionada aos acontecimentos que desencadearam na luta pelo poder político nas eleições norte-americanas. Ao sugerir a Ayrton Lobo que sua história será considerada como ficção, mas que se trata da pura verdade, Miss Jane parece se referir ao próprio romance *O presidente negro* e a sua polêmica temática acerca das antecipações do futuro e de suas questões ideológicas. E o mais importante, segundo Miss Jane, é ter o que dizer. Considerando as características de Lobato, um autor que pretendia formar leitores e propagandear ideias, a afirmação de Miss Jane alinha-se a essa atitude de Lobato.

A relação estabelecida entre Miss Jane e Ayrton Lobo conforme expressa na citação é emblemática, pois Miss Jane conduzirá o seu aprendiz de escritor ao sucesso. Considerando que Miss Jane demonstra superioridade em relação a Ayrton Lobo por meio de sua capacidade inteligível de operar o equipamento que apresenta o futuro, de ser a filha do professor Benson, o inventor do aparelho, é possível destacar a intenção de Lobato em

demonstrar como a evolução da ciência, a aquisição do conhecimento e a arte podem influir na vida das pessoas.

Ao propor a realização de uma obra que tem como tema acontecimentos futuros, uma das personagens retoma a figura do autor inglês de ficção científica H. G. Wells, como uma espécie de homenagem ao grande criador de romances utópicos. O romance de Ayrton Lobo diferenciará de Wells, pois se baseará em eventos que realmente acontecerão e que foram previstos por meio do porviroscópio.

Assim, o desenrolar da história procede com Ayrton Lobo realizando várias tentativas de escrita do romance sob supervisão atenta de Miss Jane que severamente aconselha o discípulo a treinar o estilo e refazer sempre que necessário algum ou outro capítulo.

A realização artística de Ayrton Lobo coincide com a própria experiência de Lobato em realizar o seu romance de ficção científica. O autor não era especialista no gênero romance e a concretização da sua obra representava, para o autor, uma conquista.

Sobre isso AZEVEDO (1926) destaca:

Este primeiro e único romance de Lobato – que se especializara em contos, crônicas e artigos – parece ter nascido com surpreendente facilidade da pena do autor. “Nunca me julguei capaz de conduzir um romance até o fim, e no entanto lá o pari em 20 dias. Como é ‘canja’ escrever um romance!”, rejubilava-se a Rangel. “O meu *O reino louro* ou *O choque das raças* ou *O presidente negro* (ainda não o batizei definitivamente) vai sair com 20.000 no mínimo.” (AZEVEDO, 1997, p. 216)

Sobre a questão de estilo, uma observação de Miss Jane, mas que ecoa claramente como uma ideia lobatiana a respeito da linguagem utilizada em uma obra literária é a seguinte:

(...) a ênfase, o empolado, o enfeite, o contorcido, o rebuscamento de expressões, tudo isso nada tem com a arte de escrever, porque é artifício e o artifício é a cuscuta da arte. Puros maneirismos que em nada contribuem para o fim supremo: a clara e fácil expressão da idéia. (LOBATO, 2008, p. 200)

E sobre o estilo, as personagens questionam:

- Estilo o senhor Ayrton só o terá quando perder em absoluto a preocupação de ter estilo. Que é estilo, afinal?

- Estilo é... – ia eu responder de pronto, mas logo engasguei, e assim ficaria se ela muito naturalmente não me definisse de gentil maneira.

- ...é o modo de ser de cada um. Estilo é como o rosto: cada qual possui o que Deus lhe deu. Procurar ter um certo estilo vale tanto como procurar ter uma certa cara. Sai máscara fatalmente – essa horrível coisa que é a máscara...

- Mas o meu modo natural de ser não tem encantos, Miss Jane, é bruto, grosseiro, inábil, ingênuo. Quer então que escreva desta maneira?

- Pois certamente! Seja como é, e tudo quanto lhe parece defeito surgirá como qualidades, visto que será reflexo da coisa única que tem valor num artista – a personalidade. (LOBATO, 2008, p. 200)

Assim, o processo de composição da obra de Ayrton instaura a reflexão sobre o fazer artístico, ou seja, o processo de criação é acompanhado por Miss Jane que ensina seu discípulo as noções de estilo, composição, estrutura e outros aspectos relacionados ao fazer literário. Essa discussão no interior da narrativa caracteriza-se como metalinguagem do romance e revela o estilo refinado, irônico e pragmático do autor Monteiro Lobato.

- Isso! – exclamou ela encantada. – Acertou. Isso é que é escrever bem. Refaça o primeiro capítulo com esse critério e traga-me no próximo domingo. Serei franca como o fui na tentativa anterior, e se me parecer que de fato não tem as qualidades precisas, di-lo-ei francamente e não pensaremos mais nisso. (LOBATO, 2008, p. 200)

E, ainda, sobre a arte da escrita a personagem Ayrton Lobato reflete:

O meu amuo, conseqüente à vaidade literária ofendida, ainda não passara de todo, e resolvi escrever mal, de um jato, com a intenção deliberada de desapontar Miss Jane. Ela me condenaria a segunda tentativa, púnhamos um ponto final na literatura e passaríamos a cuidar de outra coisa. Escrevi até a madrugada, sem rasuras, sem escolha de palavras, como se estivesse a correr no meu saudoso Ford ao acaso das estradas sem fim. Ao soarem três horas atirei com a caneta e fui dormir o sono mais pesado da minha vida. No dia seguinte fui vê-la.

- Aqui está, Miss Jane, o horror que me saiu da pena. Escrevi de acordo com a sua receita e nem coragem tive de reler. Condene-me de uma vez e passemos a cuidar de outra coisa.

Miss Jane tomou as tiras e logo ao fim da primeira abriu a expressão que na tentativa anterior eu tanto ansiava por ver. E nesse estado de êxtase sôfrego permaneceu até o fim.

- Ótimo! – exclamou. – O senhor Ayrton acaba de revelar-se um verdadeiro escritor – impetuoso, irregular, incorreto, ingênuo, mas expressivo, original e forte. Há aqui verdadeiros achados de expressão. Faça o livro inteiro neste tom que eu lhe garanto a vitória. (LOBATO, 2008, p. 201)

Portanto, fica evidente a preocupação de Miss Jane em fazer de Ayrton Lobo um escritor motivado pela necessidade de ser compreendido e que o resultado da escrita revelasse originalidade, ou seja, o romance de Ayrton Lobo seria resultado de sua necessidade de expressão, despreocupado com o estilo rebuscado e de difícil compreensão.

Miss Jane parece assumir a perspectiva do autor Lobato ao justificar o processo rápido e pragmático ao orientar a personagem Ayrton Lobo na composição de seu romance. A ênfase de Miss Jane na escrita limpa, objetiva, sincera e espontânea aproxima-se daquilo que Monteiro Lobato divulgara em suas publicações.

Assim, fica evidente que Miss Jane defende em *O presidente negro* uma “literatura sem aspas”:

O que acabo de dizer é a fiel expressão do meu pensamento. Estas páginas estão cheias de defeitos, mas dos defeitos naturais ao primeiro jato de toda obra sincera e espontânea. São as rebanhas que com a lima o fundidor suprime. Mas se noto defeitos que a lima tira, não noto nenhum vício literário, e por isso considero ótimo o começo do seu romance. Faça-a todo nesse tom e fará a obra que imagino. O trabalho de rebarba deixe-o comigo. Sou mulher e paciente. Deixe-me o menos e faça o mais. Seja o fundidor apenas, o obreiro que cria o grande bloco e não perde tempo com detalhes subalternos. (LOBATO, 2008, p. 202)

Além dessas questões estéticas, Ayrton Lobo, ao passo que escreve o seu romance com base nos relatos de Miss Jane, apaixonava-se cada vez mais pela moça, sendo essa, assim, sua motivação principal para a realização de sua obra. A realização do livro tornara possível uma aproximação maior entre as personagens e uma oportunidade para que Ayrton Lobo conquistasse a atenção e o amor de Miss Jane. Desse modo, na ocasião do lançamento do livro no folhetim carioca *A manhã*, um anúncio publicitário revelava:

“Como todo romance que se preza”, conclui o periódico, remetendo ao cinema, sensação do momento, “o de Monteiro Lobato termina com um beijo de amor. E que beijo” O mesmo que todo o público desta cidade viu John Barrymore depor nos lábios da sua noiva no inesquecível filme da Fera do Mar.”³⁰

³⁰ *A manhã*, Rio de Janeiro, 4 set. 1926. In AZEVEDO, Carmen Lucia de, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato - Furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997. p. 214

O beijo de amor, enfim, é conquistado ao mesmo tempo em que Miss Jane se revela satisfeita com a escrita de Ayrton Lobo. Como uma espécie de redenção, a filha de Dr. Benson se entrega à paixão de seu apaixonado.

“Era o céu. Atirei-me como quem tira a vida, e esmaguei-lhe nos lábios o beijo sem fim de John Barrymore. E qual o raio que acende em chamas o tronco impassível, meu beijo arrancou da gelada filha do professor Benson a ardente mulher que eu sonhara.

- Minha, afinal!... (LOBATO, 2008, p. 202)

4. Considerações finais

Ao depararmos com o final do romance de ficção científica de Monteiro Lobato, somos surpreendidos pelo “clima de romance” instaurado com a entrega de Miss Jane aos desejos de Ayrton Lobo. Nesse sentido, a calma aparente do final da história contrasta com atribulação observada por Miss Jane e vivida pelas personagens da futura sociedade norte-americana de 2228.

O homem está no centro das questões abordadas nesse romance de antecipação e revela o pensamento de Monteiro Lobato sobre a sociedade atrasada que precisaria mudar. No projeto para um país melhor, nada escapou às críticas de Lobato.

Após ter dilatada até à sátira os males da nossa realidade, Lobato quer construir um mundo diferente: outra família (afastamento dos pais); outro espaço (sítio); outra economia (desvalorização do ouro e da terra). Também quer outro homem brasileiro: não mais o Jeca (camponês expropriado e doente), mas o Zé Brasil (beneficiário da reforma agrária). (CASSOL, 2002, p. 219)

Nesse projeto de mudança para o Brasil, Lobato, na verdade, apresenta em *O presidente negro* duas realidades distintas sendo a primeira representada pela brasileira atrasada e burocrática e a outra norte-americana moderna e liberal.

Ayrton Lobo que no início da história se apresenta como um sujeito descontente e infeliz pela sua condição de inferioridade seja pela condição de pedestre e, principalmente, pela função burocrática que ocupava, se apresenta ao final da ficção como um sujeito “evoluído” em todos os aspectos, representando, assim, a filosofia de Monteiro Lobato em fazer do homem um sujeito autônomo. Ao conhecer Dr. Benson, Ayrton Lobo, revela sua ignorância diante da ciência e vislumbra-se com as descobertas realizadas no castelo do professor.

Seria a figura de Ayrton Lobo a representação do homem brasileiro que Lobato tanto criticava?

A atitude de Ayrton Lobo em relação ao novo, ao que é realmente necessário para a evolução do espírito, demonstra a pedagogia lobatiana de fazer do brasileiro um sujeito passível de mudanças. Antes acostumado com assuntos do cotidiano e reflexões sobre o ir e vir de pessoas comuns e preso na rotina de um escritório de cobranças, Ayrton depara-se com um novo mundo a partir do momento que conhece o castelo de Dr. Benson, os seus laboratórios e suas invenções tecnológicas:

Quanta máquina esquisita, tubos de cristal, ampolas, pilhas elétricas, bobinas, dínamos – extravagâncias de sábio! Eu conhecia várias oficinas mecânicas, mas nelas nunca me tonteava. Tornos, máquinas de cortar e furar, bigornas, martelos automáticos, laminadores, fresas, tudo isso eu via e compreendia, pois apesar de complicados na aparência evidenciavam logo uma função esclarecedora. Mas ali, santo Deus! Que caos! Não consegui entender coisa nenhuma e mesmo depois que o velho sábio mas explicou manda a verdade confessar que fiquei na mesma. (LOBATO, 2008, p. 46)

Dessa forma, o conhecimento, a novidade, a ciência e o progresso vão seduzindo o humilde Ayrton Lobo ao ponto de fazê-lo aprendiz e confidente do professor Benson. Esse processo de aprendizado revela o que autor brasileiro “pregava” em suas obras utópicas, algo percebido também em suas obras infantis. A busca do conhecimento, da ciência e do petróleo configurava como um desejo do autor de buscar aquilo que ainda não é possível ter ou realizar.

Essa utopia perpassa por todos os elementos da narrativa em *O presidente negro* seja na representação da mulher, no espaço moderno da sociedade norte-americana, no tempo futuro de 2228, na implicação estrutural composta por um narrador- personagem do presente de 1926 e outro narrador-personagem do futuro de 2228 compondo, assim, uma possibilidade de reflexão entre os tempos e as sociedades ali representadas.

A burocracia, a opressão, a violência e o totalitarismo são retratados no romance de ficção com o objetivo de caracterizar a figura do homem que detêm o poder e que determina a vida de outras pessoas. O conflito racial ilustrado demonstra-nos, de forma polêmica, os caminhos tortuosos que a utilização da ciência pode proporcionar. E nesse cenário, composto por disputa de poder, o negro que historicamente, nos dois países retratados, detinha a força de trabalho e a maioria populacional, é vencido pela sabedoria e esperteza de outro grupo.

Essas questões polêmicas sobre racismo e exclusão social são apresentadas por meio da personagem loura, de olhos azuis, inteligente e filha do cientista Dr. Benson, Miss Jane. Considerada modelo de beleza e inteligência e com superioridade intelectual, a discípula do inventor do aparelho porviroscópio será também uma espécie de mestre para Ayrton Lobo.

Miss Jane, responsável pelas notícias do futuro, transmite-as ao seu interlocutor do presente e estabelece um debate sobre as transformações ocorridas no futuro. Sendo a mediadora entre o futuro e o presente, Miss Jane sai em defesa daquilo que vê e, num tom polêmico, declara que as mudanças são decorrentes da própria ação do homem, principalmente no que se refere ao destino social e político. Miss Jane credita ao próprio homem aquilo que lhe é apresentado sobre o futuro. As guerras, as divisões territoriais, as constantes invasões e repatriamento de cidadãos do mundo todo são motivadas por atitudes inconseqüentes de líderes políticos e grupos étnicos. Assim, o futuro representado na máquina criada por Dr. Benson é um reflexo do presente, pois apresenta as disputas ideológicas, territoriais e conflitos religiosos que marcaram a história da humanidade

A ciência e a tecnologia em *O presidente negro*, ao mesmo tempo em que possibilita a construção de máquinas e outros aparelhos eletrônicos para proporcionar conforto e ver o futuro, também são instrumentos de dominação e destruição. A sociedade do futuro que sobressai do romance de Lobato é o da sociedade atual que, como forma de progresso e autonomia, sai em busca da competência tecnológica.

A figura polêmica submetida às injustiças tecnológicas é o negro, retratado no romance de Lobato, por meio do candidato Jim Roy, como gênio forte e espírito indomável que sucumbe aos planos do candidato branco Kerlog e de sua equipe de ministros.

A extinção da raça negra por meio do raio ômega que, a princípio, foi divulgado como um tratamento estético, provoca uma reflexão sobre a identidade e os valores sociais dos diferentes grupos étnicos ou religiosos de uma sociedade. Essa leitura da extinção da raça negra deve ser feita aos avessos, pois a ironia de Lobato provoca a reação dos leitores sobre a tragicidade da situação vivida pelos negros na sociedade norte-americana de 2228.

O papel do leitor em relação a essa obra é de estar diante de um romance do futuro com temas e questões polêmicas, mas que tem como eixo propulsor e um retorno seguro o próprio presente. Os temas abordados por Miss Jane, apesar de estarem localizados num país

distante e num tempo distante dialogam com a realidade pobre e atrasada do Brasil do início do século XX. Provocar no leitor estas reflexões, para Monteiro Lobato, era algo necessário.

5. Bibliografia

ALVAREZ, Reinaldo Valinho. *Monteiro Lobato, escritor e pedagogo*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília, INL, 1982.

AZEVEDO, Carmen Lucia de, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato - Furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.

BARBOSA, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Pica-pau Amarelo: Uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CASSAL, S. T. B. *Amigos escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Oficina do livro Rubens Borba de Moraes, 2002.

CAUSO, R. S., *Ficção Científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. 2v. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages*. São Paulo: EdUSP, 1995.

CONTE, Alberto. *Monteiro Lobato: O Homem e a Obra*. São Paulo: Brasiliense, 1948.

CRUZ, Renato. *TV digital no Brasil: tecnologia versus política*. São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2008.

DANTAS, Paulo. *Presença de Lobato*. São Paulo: Editora do Escritor, 1973.

-----, *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço Editora, 1982.

DIWAN, Pietra. *Uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo*. São Paulo: Editora Senac, 2003

ECHEVARRIA, R. G.; Walker, E. P. *The Cambridge History of Latin American: v.3 Brazilian Literature*. Cambridge. Cambridge University Press, 1996.

FISCHER, Luís A. *Reedição enriquece reflexão sobre autor, mas acumula erros*. Folha de São Paulo. São Paulo, 17 abril 2008. Ilustrada.

FRIAS FILHO, Otávio. *Seleção Natural: ensaios de cultura e política*. São Paulo: Publifolha, 2009.

JUNIOR, B. A.; MOTA, L. D. *Personae: grandes personagens da literatura brasileira*. São Paulo: Editora SENAC – São Paulo, 2001.

KUPSTAS, Marcia. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Ática, 1988.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: A Modernidade do Contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

-----, *Como e porque ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

-----, *Monteiro Lobato, um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LOBATO, Monteiro. *O presidente negro*. São Paulo: Editora Globo, 2008.

LOPES, E. M. T. L.; Gouvêa, M. C. S (org). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MOISES, Massaud. *História da Literatura Brasileira: realismo e simbolismo*. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

MOURA, André Muniz de. *Monteiro Lobato, Um leitor de Nietzsche*. (Dissertação de Mestrado), Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

NETTO, Alcino L. *Paranóia ou Progressismo?* Folha de São Paulo. São Paulo, 18 nov. de 2007. Caderno Mais.

NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato e Fortunato Bulcão: o sonho do aço brasileiro*. Brasília: Thesaurus, 1985.

-----, (org.) *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda: Record, 1986.

-----, *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

-----, *Monteiro Lobato, o editor do Brasil*. Rio de Janeiro: NUSEG / Contraponto / Petrobras, 2000.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. *Os filhos de lobato: o imaginário infantil no ideologia do adulto*. São Paulo: QualityMark/Dunya Editora, 1997.

RIBEIRO, José Antônio Pereira. *As diversas facetas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Associação Cão Guia do Cego, [s/d].

REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Tradução Angela Bergamini... [et al.] – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SANDRONI, Luciana. *Minhas memórias de Lobato*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

SCHOEREDER, Gilberto. *Ficção Científica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Editora Clube do Livro, 1974.

TOLEDO, Roberto Pompeu. *Visionário espiroqueta*. In. Revista Piauí. Ed. Outubro de 2008.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. *O Universo Ideológico da Obra Infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço Editora, 1982.

VEJA. Revista. São Paulo: Edição 2053, 26 mar. 2008.

VILLA, Marco Antonio. *Um combatente entre nós*. Folha de São Paulo. 28 jun. 1998. Caderno Mais.

VILLELA, Hilda et al. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

YUNES, Eliane. *Presença de Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982.

ZILBERMAN, Regina. (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

